

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor:

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º

Endereço Telegráfico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANZO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Endereço telegráfico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

RECEBEMOS a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«Sr. director do «Diário de Lisboa»: — Li, com muito prazer, o topico em que mais uma vez o seu brilhante jornal salientou a infatigável benemerencia de alguns portugueses do Brasil, a pretexto de mais um acto recente de larga filantropia do insigne barcelense sr. Paulo Felisberto da Fonseca.

A quantia por ele distribuida no dia do seu aniversario a instituições de bem fazer, portuguesas e brasileiras do Rio, foi maior do que V. referiu, pois abrangeu tambem e com algumas dezenas de contos a Liga Proletaria contra a Tuberculose. Além disso, enviou para instituições da sua terra natal 200 contos.

Não é, porém, para rectificar o seu informe que lhe escrevo. O que quero pedir-lhe é que note no seu jornal que o sr. Paulo Felisberto da Fonseca não fez este ano, pela primeira vez, a distribuição generosa. Fê-la no ano anterior e tem-na feito outras vezes, pois frequentemente reparte a sua grande fortuna com estabelecimentos portugueses e brasileiros de instrução e de assistência dando assim um exemplo admiravel, que os nossos homens abastados que são tambem homens bons, deviam seguir. — De V., etc., José do Minho».

★ ★ ★

UM grupo de amigos do saudoso Raposo de Oliveira, jornalista e poeta de inegavel valor, cobriu ontem de flores o coval humilde, onde ele dorme o sono da morte, no Alto de S. João. Foi em vida um perulário — de tempo, de rimas, de anedotas e de palavras fraternas. Conheçemo-lo de perto, já lá vão alguns anos, na sua terra natal — Ponta Delgada.

Companheiro de primeira ordem. Junto dele os proprios velhos se faziam moços. Os seus amigos eram tantos como os abraços que dava que ascendiam a centenas. Republicano, desde os verdes anos. Peito sem odios e animo generoso.

A bordo do «Carvalho Araújo», ouvimo-lo recitar os seus versos, com voz ardente e comovida: saudades dum bem que nunca encontrou...

Admirava Antero que sabia quasi de cór. Alguem perguntou-lhe:

— Oh! Raposo, você nasceu mesmo em Ponta Delgada?

— Não: vim á luz do dia, no livro dos Sonetos, que comeceti a ler aos quinze anos e ainda não interrompi a sua leitura.

★ ★ ★

O JORNAL «Hoy», de Badajoz, publica uma correspondencia de Olivença, na qual se protestava contra a demora do correio vindo de Madrid. Nem mais, nem menos que vinte e quatro horas, quando não é mais. Por este pormenor, que talvez não tenha importancia, se vê quanto a linda cidade portuguesa, esquecida pelos nossos diplomatas, no seculo XVIII, e reivindicada com mais ou menos patriotismo lirico por alguns espiritos do nosso tempo — está mais perto de Lisboa do que de Madrid, não só no que diz respeito a comunicações, mas a sentimentos de ordem nacional.

Pão - Peixe - Carne

Na Camara Municipal, ontem, o vice-presidente sr. major Salvação Barreto pôs em relevo, o que equivale a justificada estranheza, o facto de a carne de vaca, para o consumo publico, ainda não ter baixado de preço no mercado retalhista, apesar de tal ser possível — assinalou aquele vereador — dado o preço a que a carne é fornecida aos talhos, desde que entrou no consumo o gado angolano.

Os esforços da Camara para abastecer Lisboa de carne, factor só por si suficiente para travar a especulação, são de registar, e de louvar são todos aqueles que visem baratear a carne de vaca.

A verdade é que Lisboa — para não falarmos do pais, e isto apesar de certas providencias officiais — come pão caro, e nem sempre bom, carne cara e peixe carissimo.

E o pais abarrota de trigo, e peixe não falta nos frigorificos, pois a industria exerce-se normalmente sob o ponto de vista da colheita, e a carne não escasseia, nada havendo que legitime o alto preço do carneiro (a carne dos mais pobres), a carne de vaca e as gorduras.

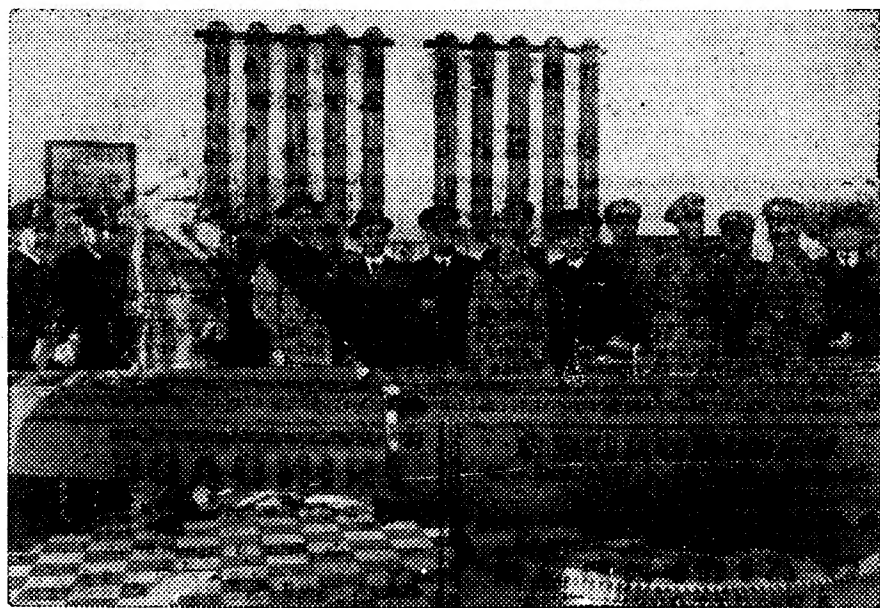
Como assinalámos, ha tempos, neste lugar, a deminuição do custo dos generos essenciais da alimentação constitui de certo modo um problema delicado, pois ha interesses em jogo, complexos e legitimos, que dizem respeito á produção, ás industrias correlativas e, se quiserem, por acrescimo, ao comercio regular intermediario.

Mas ha tambem muito de especulação, de inconsciencia, de «artes passivas», que escapam bastas vezes ás autoridades.

No seu criterio simplista mas logico o consumidor não compreende — não pode entender porque de facto não ha entendimento possível — que haja trigo em excessó e o pão seja caro e em regra mau. Que o carneiro que ha um ano se vendia por 6\$00 custe hoje cerca de 8\$00 e pessimo. Que o preço do peixe nos mercados e praças atinja preços de fabula «que nenhum argumento de defesa da industria piscatoria justifica». Que seja um proprio vereador, sabedor e probo, quem informe que a carne continua cara apesar de ser possível baixar o preço.

Os problemas da alimentação publica, os interesses fundamentais do consumidor — da vida, afinal — devem sobrelevar a qualquer outra consideração especiosa. Os orçamentos domesticos não têm elasticidade, o dinheiro não aumenta de poder de compra. E o consumidor retrai-se com prejuizo da sua saúde, da sua vitalidade.

Não ha enunciado mais simples e mais poderoso. O governo já annunciou para a proxima colheita o pão mais barato. O publico espera que neste pais — onde a capitação do consumo de peixe e de carne é das mais reduzidas da Europa — seja possível que a carne e o peixe cheguem, a preços acessiveis, a todos os lares.



Um aspecto da visita dos ministros e entidades officiais á Escola de Mecanicos da Armada, em Vila Franca de Xira

(Ler noticia na 5.ª pagina)

O CRITICO de aviação de L'Intransigeant, Peyronet de Torres, um dos mais abalizados e conhecedores da materia, ocupa-se num dos ultimos numeros daquele jornal, em termos elogiosos, da tentativa de viagem aerea Lisboa-Rio de Janeiro, que vai ser levada a efeito pelos aviadores portugueses Carlos Eduardo Bleck e Costa Macedo.

Peyronet de Torres escreve:

«O governo português comprou o «Cometa» de Havilland de James e Any Mollison para o confiar a C. E. Bleck e ao tenente Costa Macedo, que querem realizar um «raid» Lisboa-Rio de Janeiro em três «étapes»: Lisboa-ilhas de Cabo Verde, ilhas de Cabo Verde-Natal e Natal-Rio de Janeiro.

Em principio, este «Cometa», que está a sofrer uma revisão na officina de Hatfield, ficará pronto a partir o mais tardar em fins de fevereiro.

Os portugueses, que foram os primeiros a empreender travessias do Atlantico Sul com escalas, empenham-se em exercer um papel de primeiro plano numa época em que o avião rapido e de força média permita realizar vôos de muitos milhares de quilometros a 320 á hora».

São tão poucas as ocasiões em que os franceses nós fazem justiça — desinteressadamente... — que não retemos de deixar de registar as palavras amaveis de Peyronet de Torres.

★ ★ ★

O PROFESSOR do Instituto Superior de Agronomia, sr. D. Manuel de Bragança, num artigo do Comercio do Porto, defende a idéa da criação nas estações de caminhos de ferro de uns pequenos pomares, com meia duzia, que fosse, de arvores frutificolas, que nelas se plantassem e produzissem, pela especie da variedade, as que mais eram de aconselhar na região considerada.

E escrevia antes:

«Sem exagero e antes com justiça e com rigor, fundados na posição e no meio agro-climatico que disfrutamos, tem sido o nosso pais considerado como o cais, o jardim e o pomar da Europa. Sendo assim, ou como facilmente pode ser, por que não havemos de praticamente realizar o conceito que temos formulado deste inextinguível torrão do globo, que nenhum outro no mundo podê igualar, pelas condições naturais de que é cercado e só por si o valorizam de um modo que não é difficil calcular?».

O ilustre professor sugere a utilização da rede-ferro-viaria portuguesa para a propaganda e ensino das práticas de renovação da industria arboricola portuguesa, e propõe um concurso anual tendente a valorizar aquela industria, podendo um dos prémios ter o nome do saudoso e ilustre professor Joaquim Rastreo.

TEATROS E CINEMAS

O grande acontecimento da temporada

Henry Garat telegrafou hoje ao empresário Erico Braga anunciando a sua chegada a Lisboa no próximo dia 24 conjuntamente com as «Malatsoff Girls» e o «Blue Boys Jazz», os melhores números de «music-hall» da Paramount.

O celebre artista, que durante cinco noites actuará no Ginnasio, estreando-se a 25, evocará todas as canções do seu repertório lançadas através dos filmes: «Flagrante delito», «As ordens de Vossa Alteza», «Congresso que dança», «Uma noite de reveillon», etc.

Henry Garat, antes de partir para Lisboa, fará uma conferência na Emissora de Paris, subordinada ao título «Le coem des femmes dans le coeur du monde», que será radiodifundida para toda a Europa e América Central.

«Sangue Azul», no Avenida

E' definitivamente amanhã que no Avenida, a companhia Maria Matos apresenta a 4.ª peça da temporada, a comédia em 3 actos, «Sangue Azul», adaptação de Alberto Barbosa e Luiz Galhardo (filho), fazendo a protagonista a grande actriz Maria Matos, no papel de «D. Mafalda de Meneses» (condessa de Alfaiates). Nesta peça faz a sua estreia, no teatro de comédia, o popular e querido actor comico Alvaro Pereira, que vai realizar o personagem de «Asdrubal Barata».

do reposteiro

Foi fixada para a próxima 4.ª feira, 23, no Variedades, a estreia, em espectáculos por sessões, da revista de João Bastos, «Nobre Povo», que vai posta em cena com toda a propriedade de cenários e guarda-roupa.

Faz hoje a sua estreia no teatro de Lamego a companhia Hortense Luz, que nesta cidade vai realizar quatro espectáculos com as peças «O grão de bico», «O tio do Brasil», «Sopa de massa» e «A Estrela do Avenida».

A companhia de comédias da Trindade faz a sua reaparição neste teatro na próxima quarta-feira, 23, com a nova comédia em 3 actos, «A culpa é do Bibi», adaptação de José Galhardo e Vasco Santana.

Para uma importante empresa teatral, uma acreditada parceria de escritores, vai escrever uma revista, que se intitulará «A Loja do Povo».

Deve brevemente entrar em ensaios no Maria Vitoria, a peça musicada, original de Xaxier de Magalhães, «Don Paio de Arraioles», que será estreada só depois de terminada a carreira, neste teatro, da revista «Viva a folia».

Regressou de Evora, onde esteve tratando de assuntos da sua empresa, o empresário Antonio de Macedo.

A pedido geral do publico realizam-se amanhã e depois de amanhã, á noite, em duas sessões, no Variedades, as ultimas representações neste teatro, da comédia «O Aldrabão», a preços populares.

Mais uma «matinée», com Mirita Casimiro de Almeida, se efectua no proximo domingo, no Maria Vitoria, com a revista «Viva a Folia», que hoje e amanhã, á noite se repete em duas sessões.

Raquel Meller e a sua companhia realizam hoje a sua 2.ª noite, no Trindade, em duas sessões, ás 20 e 45 e 22 e 45, continuando a bilheteira fazendo venda de lugares para os espectáculos a efectuar até á proxima 2.ª feira.

«Zé dos Pacatos» continua esgotando as lotações do Apolo. Repete-se todas as noites, ás 20 e 30 e 22 e 45 horas, efectuando-se depois de amanhã mais uma «matinée» e duas sessões nocturnas.

Nota-se grande entusiasmo entre os admiradores de boa musica pelos concertos que vem dar ao Coliseu a Grande Orquestra Filarmonica de Madrid, dirigida pelo eminente maestro Perez Casas.

E' composta de elementos que vão causar a maior sensação a Companhia Moderna de Circo que se estreia no Coliseu no proximo dia 30.

Raquel Meller e a sua companhia

Volvidos seis anos sobre a sua vinda a Lisboa, Raquel Meller reapareceu ontem no palco do Trindade, com a mesma frescura na voz, a mesma graça no gesto e o mesmo encanto misterioso que emana da sua figura. Desta vez, porém, não veio só. Desloca-se com uma companhia de variedades adrede organizada para tournée de provincia, em que figuram todavia alguns artistas do valor. O grande atractivo do espectáculo, porém, como não podia deixar de ser, é a criadora do Relicario, que ainda ontem emocionou a plateia com a mesma historia patetica de «sangre y arena» que deu a volta ao mundo; a «Violeta» amavel e primaveril, que encanta e diverte o publico, através dum jeito gaiato ou dum sorriso gracioso.

As ardencias do seu temperamento peninsular foram temperadas pela graça parisiense que as suas canções respiram. Raquel Meller não é, como a Argentinita, um clavel roxo de Sevilha; é uma flor delicada que nasceu nos jardins de Espanha e que absorveu depois a seiva vivificante do Luxemburgo. As suas ciganas não têm o sabor castiço de outras cancionistas. Em compensação, Mariquita e a Violeta têm

tudo o caracter madrileno e todo o encanto que os seus olhos profundos lhe imprimem.

O conhecido «Trio Gomez», nos seus ballados aragoneses, voltou ontem a entusiasmar a plateia do Trindade. O «Dorian Ballet», com Ariman Canon e Ilse Man—duas dansarinas de boa escola—executou alguns ballados correctos, que o acompanhamento por vezes prejudicou. Enquanto as pobres raparigas dansavam para um lado, a orquestra tocava para outro, o que foi dum lamentavel efeito. Succedeu o mesmo percalço ao bailarino excentrico «Ragorby», que revelou apreciaveis faculdades.

«Sepepe» realizou com espirito os intermedios comicos. «Mariano Seyilla» fez-se ouvir com agrado em canções sul-americanas, e «Trini» foi uma interprete desenhada do baile espanhol.

Espectaculo variado, com pandeiretas, crócalos e castanholas, ballados modernos, classicos e excentricos, dansas tipicas espanholas e a arte insuperavel de Raquel Meller, levou ontem ao Trindade numero publico, que não deu por mal empregado o seu dinheiro. — N. L.

—No Capitolio realiza-se amanhã uma «matinée» dansante, por convites, com cinema, variedades e baile.

«O Banho de Suzana»

Na proxima segunda-feira, o Central Cinema apresenta um filme, reputado de grande classe, e que, dada a fama de que



WENDY BARRIE

vem precedido, deve satisfazer as exigencias do publico cinefilo.

Trata-se, com efeito, de «O Banho de Suzana», sem duvida, uma das melhores comédias do ano, e que possui um enredo originalissimo, cheio de graça, movimento e vivacidade, e que entre nós deve alcançar um exito identico ao obtido em telas estrangeiras.

Os papeis principais são desempenhados por Wendy Barrie e Gene Gerard, dois esplendidos artistas no genero.

Actualidades

Foi aprovado, definitivamente, no decorrer duma conferencia realizada ha dias

entre o illustre escritor Rocha Martins e o sr. H. da Costa, um argumento original do primeiro para a produção dum filme intitulado «Maria da Fonte». A realização deste será dirigida pelo nosso camarada Antonio Lopes Ribeiro, o realizador do «Gado Bravo», iniciando-se os trabalhos após a conclusão de «O velo de Iro», filme extraído do romance de Henrique Galvão, cujos trabalhos devem começar dentro de pouco tempo.

Consta que «Maria da Fonte» será uma obra de grande metragem e da mais rigorosa reconstrução historica. Dividir-se-á em três jornadas, cujos titulos são: «O Rei de Lisboa», «Entre duas realzaas» e «A Rainha do Norte».

Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack, realizadores consagrados, tendo no seu activo filmes como «Chang» e «King Kong», propõem-se levar á tela, brevemente, «Os ultimos dias de Pompeia», segundo o celebre romance de Bulwer Lytton.

J. demos a noticia de que uma grande parte das cenas mudas, e de grande figuração, do filme de Abel Gance «Napoléon», foram agora sonorizados, tendo-se realizado muitas outras de novo. Hoje, damos a nova de que o filme exhibir-se-á, brevemente, na Opera de Paris com a assistencia do sr. Presidente da Republica; e, dentro de semanas, vê-lo-emos em três cinemas de Lisboa, pois, fôra adquirido para Portugal pela firma «Filmes Luiz Machado».

A «Fox» resolveu fazer uma produção da famosa obra de Helen Hunt Jackson, «Ramona».

Em 1916 extraíram do mesmo romance uma produção cinematografica cujas vedetas foram Mary Pickford e Henry B. Walthall. Ha seis anos, um outro filme fizeram inspirado na mesma obra, com Dolores del Rio e Wm. R. Baxter.

Felix Gaudier começará em fevereiro a filmar «Os Misterios de Paris», adaptação do popular romance de Eugène Sue, com Henri Rollan, Constant Rény e Lucien Baroux.

Teatro Nacional

Telef. 2 0379

1.ª representação da peça em 3 actos

MENINAS, original de Vasco Montanha Alves
Distribuição: Palmira Bastos, D. Isabel; Amelia Rey Colaço, Maria do Carmo; Maria Clementina, Micaela; Maria Lalande, Maria; Emilia de Oliveira, Mariana; Robles Monteiro, João Manuel; Alvaro Benamor, Antonio; Raul de Carvalho, Miguel; Vital dos Santos, Soares. Os vestidos de Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço e Maria Clementina são da Casa Lafourcade, Lda, Avenida da Liberdade, 18—Cenários novos de Manuel de Oliveira, executados sob a direcção de Amelia Rey Colaço—Pratas da Joalharia do Carmo—Cabeleiras de Vitor Manuel—Encenação de Robles Monteiro.

DOMINGO, 20 as 16 horas — Recital de Poesia por Alice Oeiras.

QUINTA FEIRA, 24, as 16 h. — Matinée de caridade: A comédia em 1 acto, de Pinheiro Chagas, «Quem desdenha...» — Dois actos de ballados por crianças, sob a direcção de Ruth Aswin. — O teatro está aquecido todas as noites.

HOJE - A's 21 e 30 - HOJE

2.ª recita de assinatura

original de Vasco Montanha Alves

MENINAS, original de Vasco Montanha Alves
Distribuição: Palmira Bastos, D. Isabel; Amelia Rey Colaço, Maria do Carmo; Maria Clementina, Micaela; Maria Lalande, Maria; Emilia de Oliveira, Mariana; Robles Monteiro, João Manuel; Alvaro Benamor, Antonio; Raul de Carvalho, Miguel; Vital dos Santos, Soares. Os vestidos de Palmira Bastos, Amelia Rey Colaço e Maria Clementina são da Casa Lafourcade, Lda, Avenida da Liberdade, 18—Cenários novos de Manuel de Oliveira, executados sob a direcção de Amelia Rey Colaço—Pratas da Joalharia do Carmo—Cabeleiras de Vitor Manuel—Encenação de Robles Monteiro.

DOMINGO, 20 as 16 horas — Recital de Poesia por Alice Oeiras.

QUINTA FEIRA, 24, as 16 h. — Matinée de caridade: A comédia em 1 acto, de Pinheiro Chagas, «Quem desdenha...» — Dois actos de ballados por crianças, sob a direcção de Ruth Aswin. — O teatro está aquecido todas as noites.

VARIEDADES

AMANHÃ — SABADO e DOMINGO — 20

As 8,30 e 10,45 horas

♦ ♦ A PEDIDO DO PUBLICO ♦ ♦

As duas ultimas noites da comédia

O Aldrabão

A PREÇOS POPULARES

QUARTA-FEIRA, 23: estreia da revista

Nobre Povo De João Bastos

TRINDADE

Hoje—Duas sessões—8,45 e 10,45 horas

2.ª NOITE

da divina e grande artista

Raquel Meller

e da sua companhia

de variedades internacionais

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ

TELEF. 17172

Tarzan e a companheira

A's 21 e 30

com Johnny Weissmuller

CENTRAL

Telef. 2 4381

Uma Estrela de Cinema

A's 21 e 30

O Ladrão

CONDES

TELEF. 22523

OS MISERAVEIS

A's 21 e 30

1.ª jornada — as 15 horas
2.ª jornada — as 17 horas
3.ª jornada e ultima

ODEON

Telef. 16 83

Amantes fugitivos

A's 21 e 15

com

Robert

PALACIO

Telef. 47163

Montgomery e Madge Evans

POLITEAMA

Telef. 2 6305

As mulheres e o Lolo

A's 21 e 30

com Max Baer, Primo Carnera, Santa Camarão, Dempsey e Mirna Loy.

PARIS

el. 2 8777

O gato e o violino
Os dois inseparaveis

CAPITOLIO

Canção de Lisboa

Bilhetes desde 1\$60

Minha noite de nupcias

TERRASSE

A Princesa das Czardas

As 21 e 15

Telef. 20917

com Marinha Fagundes

LYS

Telef. 4 8560

A PRINCESA DAS CZARDAS

As 21 e 15

Uma aventura no comboio

ROYAL

A Africa é assim, Tóio e correspondente de guerra

As 21 e 45

Telef. 4 5037

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 30—«Meninas»

Apolo—A's 20 e 30 e 22 e 45—«Zé dos Pacatos».

Trindade—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Raquel Meller»

Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«Viva a Folia».

Coliseu—A's 20 e 30 e 22 e 45—«O Fim do Mundo».

CINEMA:

S. Luiz—A's 21 e 30.

Tivoli—A's 21 e 30.

Politeama—A's 21 e 30.

Condes—A's 21 e 15.

Central—A's 21 e 30.

Olimpia—Das 14 e 30 às 2h.

Chiado Terrasse—A's 21 e 15.

Capitolio—A's 21

Royal-Cine—A's 21 e 15.

Paris Cinema—20,45—R. Domingos Sequeira.

Palacio—A's 21 e 30.

Odéon—A's 21 e 15.

Eden-Cinema—R. do Alívio, e Alcantara.

Jardim Cinema—21 e 30—Av. Alvares Cabral.

8 AIO-AIO!...

no MARIA VICTORIA

continua a representar-se a fenomenal revista do dia, o exito-1935

VIVA A FOLIA!

Duas sessões—A's 8,45 e 10,45 h.

com a «estrela» consagrada pelo publico

MIRITA CASIMIRO

em pleno triunfo neste teatro

SEMPRE A EXGOTAR LOTAÇÕES!

APOLLO

HOJE

TODAS AS NOITES

ZÉ DOS PACATOS

EXITO MONUMENTAL DA

COMP.ª RAFAEL MARQUES

AVENIDA

Amãhã — Espectaculo inteiro

A's 9 1/2 HORAS

1.ª Representação da comédia em 3 actos

de JOSE DE LUCIO e JACINTO CAPELA.

adaptação de ALBERTO BARBOSA e LUIZ GALHARDO (Filho)

SANGUE AZUL

com MARIA MATOS em

D. Mafalda de Meneses (Condessa de Alfaiates)

e Alvaro Pereira, que se estreia no teatro de comédia em Asdrubal Barata

DESPORTES

Varia noticiis

O Belenenses vê-se em embaraços para organizar, com vista ao desafio contra o F. C. do Porto, a sua linha defensiva.

Fausto Simões, seguro e consciencioso defensor, como João Belo, apreciado jogador, não poderão ainda alinhar.

Em contra partida, a linha de ataque será reforçada com o jogador Silva Marques (Zabala), ha semanas chegado de Africa.

Volta a debater-se o problema das arbitragens de «foot-ball» pagas.

Entrando-se, agora, no campeonato das Ligas não se poderia encontrar melhor altura para lhe dar solução.

Os arbitros encontram-se unidos, desejando conscientemente a arbitragem remunerada. Os dirigentes, pelo seu lado, reconhecem a razão que assiste aos arbitros, pois eles unicamente se pretendem integrar na directriz traçada para o «foot-ball» português, por esses mesmos dirigentes...

Ao que nos consta, o presidente do Colegio de Arbitros, sr. Silvestre Rosmaninho, avistou-se ontem com o secretario da Federação, sr. Maia Loureiro, no sentido da pretensão legitima dos arbitros ser satisfeita.

Nesse sentido vão ser consultados os clubes concorrentes, e se a opinião da maioria for favoravel, como é natural, as arbitragens do campeonato das Ligas passarão a ser remuneradas.

A Federação Francesa de Natação, pensa a serio em se fazer representar nos proximos Jogos Olimpicos. Mas a sua resolução não se limita a idéas. Começou já a trabalhar nesse sentido.

No passado dia 12, na piscina de La Gare, em Paris, travaram renhida luta nadadores da provincia e de Paris.

O programa de selecção dos nadadores é vasto. Porém, assim, a França tem a certeza de ser bem representada, pelo menos, apresentar o seu melhor...

Que faz a Federação Portuguesa de Natacão?

Já está constituída mas ainda não foi tornada publica a selecção da França de «foot-ball» que defrontará a Espanha, em Madrid, a 24 deste mês.

A selecção tem sido alvo de numerosas criticas, e jornalistas desportivos da envergadura de Maurice Perherkorn, não hesitam em evidenciar a sua discrepância.

Isto que sucede em França, passa-se em todos os países, quando ha razão para tal, menos em Portugal, em que as criticas ao trabalho do seleccionador antes dos encontros são tomadas como «criminosas» e falhas de patriotismo.

Dirigida pelo professor de educação fisica sr. Rebelo de Almeida, abrem no proximo dia 21, os cursos de gymnastica do Campolide. Eis o seu horario: ás segundas, quartas e sextas, meninas e rapazes até aos 11 anos, ás 18 horas; rapazes, entre 12 a 16 anos, ás 19 horas; adultos do sexo masculino, ás 22 horas; ás terças e quintas, senhoras, ás 21 horas.

A inscrição para estas classes pode ser feita das 21 e 30 ás 23 horas.

O grupo de «foot-ball» da Faculdade de Direito disputou ontem, contra o grupo do Instituto Superior de Agronomia, no Campo Grande, a final do campeonato Inter-Escolas Superiores. Ganhou Direito, muito justamente, por 4-2, ainda que a victoria tenha sido alcançada em prolongamento.

O grupo de Direito continua, assim, a manter briosamente as suas tradições desportivas.

Em Paço de Arcos, realiza-se, depois de amanhã, um encontro de «foot-ball» entre as secções de Contabilidade e de Expediente, da Sociedade de Perfumarias Nally, Limitada. Depois do jogo, efectua-se um jantar de confraternização.

PUBLICAÇÕES

«Arquivo Nacional»

Saiu mais um numero do interessante semanario de historia antiga e crónicas contemporaneas, «Arquivo Nacional», que Rocha Martins dirige e no qual comenta varios factos da mais flagrante actualidade.

Do seu sumario destacam-se os artigos: «Biscas e Ases»—Cronica semanal; A abertura das antigas Camaras; Legendas da Cidade Invicta; Esboço da Cronica do Porto Heroico; A Jaula Vermelha, etc.

SUFRAGIOS

Dr. João Telo de Magalhães Colaço

Amanhã, 19, pelas 10 e 30, rezar-se-á uma missa, na igreja de S. Sebastião da Pedreira, por alma do saudoso dr. João Telo de Magalhães Colaço—missa mandada celebrar pela sua viuva, a sr.ª D. Maria Heloisa de Magalhães Colaço.

Dr.ª Adelaide Cabette

Retomou a sua clinica. Av. da Liberdade, 3, 2.ª. Consultas das 2 ás 4. Tel. 27470.

Questão comercial importante

POMBAL, 15.—Em tribunal colectivo, constituído pelos juizes desta comarca, de Soure e de Ancião, iniciou-se hoje o julgamento dos embargos opostos por José Rodrigues Costa, da Cartaria, ás contas apresentadas em juizo por Manuel das Neves Anastacio, em que aquele se propõe demonstrar que os negocios da sociedade comercial entre os dois havida de 1925 a 1928 para a compra e venda de madeiras e produtos resinosos, deu lucros em importancia não inferior a 1.102 contos, cabendo pois a ele, embargante, cerca de 550 contos, alem do capital com que para a dita sociedade entrou.

Este julgamento despertou o maior interesse, sobretudo entre a população do importante lugar e freguesia de Albergaria dos Doze, que em grande numero acorreu ao tribunal a fim de ouvir a palavra brilhante dos distintos advogados drs. Fernando Lopes e José Ferreira de Figueiredo, de Coimbra, respectivamente patronos de embargante e embargado, a que veio assistir tambem por parte deste ultimo o não menos distinto advogado da capital dr. Almeida Eusebio.

Fez-se a inquirição de todas as testemunhas de uma e outra parte seguindo-se agora as respectivas alegações orais que foram marcadas para 20 do proximo mês de fevereiro.

Contra o embargado existe pendente nesta comarca um processo crime relacionado com esta questão, processo que está ainda na sua fase instrutoria, para a investigação do qual aqui estão o chefe Costa e o agente Santos Junior, da Policia de Investigação Criminal de Coimbra.

IMPRENSA

«Portuguese Times»

Dirigido pelo nosso colega de Imprensa sr. Luiz Lupi e pelo major do Exercito inglês W. Pope Bidwell, iniciou a sua publicação em Lisboa um novo semanario, «Portuguese Times», que se destina á colonia inglesa que vive em Portugal e mesmo em Inglaterra para onde será enviado regularmente a titulo de propaganda.

«Portuguese Times», que é redigido em inglês e se apresenta com magnifico aspecto grafico, preenche uma lacuna de ha muito existente na Imprensa portuguesa, e preenche-a de maneira brilhante, bem afirmando as provadas qualidades de Luiz Lupi, um dos valores mais apreciaveis do profissionalismo jornalístico do nosso meio e do nosso tempo.

Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Os novos chás de arte no Casino Estoril

Como ontem noticiámos, o tanguista Roberto Diaz, celebridade do genero, teve grande exito na sua estrela, no chá de terça-feira.

Se o exito de Roberto Diaz foi grande, grandes foram tambem os exitos das estrelas de Rosita de España, bailarina, e Jimmy y Dolly. Roberto Diaz exhibe-se nos chás de arte dos domingos, terças e quintas e nas noites de domingos, segundas, quartas, sextas e sabados. Os outros artistas trabalham sempre. A orquestra do Casino constitui, tambem por si, um numero de arte do mais elevado valor.

A sala-restaurant do CAFE-«CHIC» tem conforto, asseio inexcédível, não tem cheiro ou fumo e tem originalidade na iluminação.

—Porque a não visita V. Ex.ª?

AVISO

Aos industriais e exportadores de conservas de peixe

O Consórcio Português de Conservas de Peixe previne todos os industriais e exportadores de conservas de peixe, quer em azeite e molhos, quer pelo sal, que não se achavam ainda inscritos no C. P. C. S. (portanto com excepção dos que se dedicam ao fabrico e comércio de conservas de sardinha e espécies similares em azeite ou molhos) que teem de fazer a sua inscrição provisória até ao dia 21 do corrente.

Esta inscrição far-se-ha por simples carta para a sede do C. P. C. P.—Rua do Comércio, 8—LISBOA, na qual se indique o nome e firma do interessado, sua sede, localidade e natureza dos estabelecimentos, produção e exportação em quilos, nos anos de 1933 e 1934.

As pessoas que se acham inscritas por trabalhar em conservas de sardinha ou suas espécies similares em azeite ou molhos, e que exerçam a sua actividade em relação a outras espécies de conservas, deverão indicar esse facto ao C. P. C. P. dentro do mesmo prazo.

MUSICA

Circulo da Cultura Musical

Excedeu todas as expectativas o exito da criação da nova sociedade de concertos: Circulo da Cultura Musical.

Os pedidos para inscrição de socios têm affluído de tal modo que já se torna difficil atender todas as marcações. Os retardatarios devem apressar-se, antes que se esgote a lotação do teatro do Gimnasio, que é, como se sabe, a casa de espectaculos onde vão realizar-se os concertos.

Nas casas Sassetti e Valentim de Carvalho, e na residencia da sr.ª D. Elisa B. de Sousa Pedrosa, telefone 2 8682, dão-se todas as informações.

Musica de Camara

Pelas 21 horas do proximo dia 21, realiza-se, nas salas do Gremio Lirico Português (antiga Liga Naval) o 2.º concerto da epoca, da Sociedade Nacional de Musica de Camara, com um programa que vai causar sensação no nosso meio artistico, pois foi elaborado de maneira a satisfazer a critica mais exigente.

Gremio Lirico Português

Amanhã, á tarde, realiza-se nos salões do Gremio Lirico Português o habitual chá-concerto dos sabados, sempre animados e elegantemente concorridos. No concerto far-se-á ouvir um dos laureados discipulos das aulas de canto do Gremio, o distinto baritone Alberto Julião Martins, em romanzas de Massenet, Suzzi-Pecchi e outras. Durante o chá ha baile.

Festival de musica espiritual

No primeiro domingo do mês de fevereiro realiza-se na igreja de S. Domingos, que pela sua imponencia e vastidão e especiais condições acusticas estava naturalmente indicada para esse fim, um grandioso festival de musica espiritual, a favor dos Refeitórios Economicos de Lisboa, fundados pelo sr. Cardinal Patriarca de Lisboa. Será executado, sob a direcção do maestro dr. Ivo Cruz, o famoso *Requiem*, de Mozart, por orquestra e coros, num total de 150 executantes.

CONFERENCIAS

Na sede da Sociedade Teosofica, na rua Passos Manuel, 20, pronunciará hoje o sr. Delio Nobre Santos a sua 9.ª conferencia da serie intitulada «A Teosofia, as correntes do Pensamento Antigo».

O sr. tenente-coronel Costa Junior realiza hoje ás 21 e 30 na sede da Associação Central da Agricultura Portuguesa uma conferencia subordinada ao tema: «E' necessario prepararem-se administradores agricolas em Portugal».

Está a despertar grande interesse a conferencia que, sob a presidencia do Chefe do Estado e com a assistencia do sr. ministro das Colonias e do sr. Cardinal Patriarca, o reverendo Carlos Estermann, superior das missões catolicas da Hulla, realiza amanhã ás 21 e 30 horas na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia.

O conferente dissertará sobre o tema: «A obra das missões catolicas em Angola».

HENRIQUE SAMORANO

Para a mãe e viuva do saudoso Henrique Samorano recebemos mais 220\$00 produto da venda duma escultura oferecida pelo sr. Delfim Maia e que foi exposta na Joalharia Leitão. Obteve o melhor lance do sr. dr. Ramada Curto.

Recital Alice Oeiras

E' já no proximo domingo, pela tarde, que no teatro Nacional se realiza o primeiro recital completo de D. Alice Oeiras, gentilíssima senhora que possui a rara qualidade de saber dizer versos, dentro das boas regras, com ritmo proprio, sem perdas ou alterações.

Abrirá o recital de domingo, o sr. dr. João da Silva Correia, ilustre director da Faculdade de Letras de Lisboa, que apresentará a declamadora, com a autoridade e o prestigio do seu nome. O sr. Presidente da Republica honra o recital com a sua presenca e a ele assistirá tambem o grande poeta Eugenio de Castro. No programa figuram composições dos mais notaveis poetas portugueses e brasileiros, desde os antigos aos contemporaneos, e assim ouviremos versos de Sá de Miranda, Camões, Gil Vicente, Bocage, Antonio José da Silva, Nicolau Tolentino Garrett, Antero do Quental, Camillo, Castilho, Antonio Nobre, Antonio Feijó, Eugenio de Castro, Virginia Vitorino, Florbela Espanca, Olavo Bilac, Guilherme de Almeida, João de Deus, Orlando Marques, Tomás Ribeiro, Raimundo Correia, Guerra Junqueiro, Campos Monteiro, Alfredo Pimenta, Fernanda de Castro e Julio Dantas.

A distinta senhora recitará ainda em italiano um soneto de Petrarca, e, em francês, poesias de Rosamonde, Gérard e da Condessa de Noailles.

Os pedidos feitos na bilheteira do Nacional permitem supor que neste recital haverá uma completa enchente.

NOTICIAS DA FIGUEIRA DA FOZ

FIGUEIRA DA FOZ, 15.—Sobre esta cidade voou hoje uma esquadilha de cinco aparelhos de Alverca, em missão official de «provas semestrais», os quais aterraram no Campo Humberto Cruz, sito na Murraçeira, a 1.500 metros da cidade, a fim de se apresentarem ao comando militar da guarnição aqui aquartelada para efeito de formalidades.

Os aparelhos, que levantaram voo pouco depois, eram tripulados pelo comandante do Grupo de Bombardeamento, respectivamente srs. capitão Sergio da Silva, capitão Pais Ramos e pelos aviadores srs. capitão Viegas, capitão Lino e tenente Cirilaco, seguindo com rumo sul.

Ainda não foram iniciados os trabalhos dos esgotos, como se esperava, por ter ficado sem efeito, a adjudicação feita ao unico concorrente que apresentou proposta.

A Camara vai abrir novo concurso, aguardando-se que desta vez apareçam mais concorrentes.

Continuam os trabalhos de construção do novo edificio destinado á Escola Commercial e Industrial «Bordallo Pinheiro», dessa cidade, que depois de concluída fica sendo sem duvida um dos melhores, se não o melhor estabelecimento de ensino no genero, na provincia.

Tem-se feito sentir bastante frio nesta cidade, principalmente de noite e de manhã, valendo-nos, para atenuar o mal estar proveniente dessa brusca temperatura, os lindos dias de sol.

DE LUTO

Manuel Mascarenhas de Almeida

Na casa da sua residencia, faleceu hoje o sr. Manuel Mascarenhas de Almeida, de 29 anos de idade, funcionario da Companhia Agricola de Cassequel. Deixa viuva a sr.ª D. Maria Stuart Pereira Mascarenhas de Almeida e era cunhado do sr. Fernando Pereira, 2.º tenente da Armada e secretario da Intendencia do Arsenal e do sr. Luiz Pereira, funcionario das C. R. Gás e Electricidade e sobrinho do sr. Augusto dos Santos inspector das oficinas do «Diário de Noticias».

O funeral realiza-se amanhã, a hora ainda não determinada.

D. Assunção de Jesus Fernandes

Faleceu na vila de Cuba a sr.ª D. Assunção de Jesus Lança Fernandes, de 22 anos de idade, filha do sr. João Amaro Lança e esposa do sr. Plácido Costa Fernandes, director do «Jornal de Cuba».

Gremio dos Açores

No Gremio dos Açores realiza-se amanhã, ás 22 horas, um sarau á franceza organizado pela compositora sr.ª D. Manuela de Meneses Bonito com a cooperação do sr. Santa Clara da Cunha. A festa, que promete ser muito animada, é dedicada á revista «Femina» e o seu produto destina-se ao Fundo de Assistencia do Gremio.

Automoveis sem chauffeur

Alugam-se. R. Andrade Corvo, 6

Letam ás quinquas-feiras o jornal humorístico o «SEMPRE FIXE»

A B A D I A
HOJE
Salchichas Cambridge
DOMINGO
Paella à Valenciana

A Cidade

PELES

Raposas e lindas golas de lebre da Rússia a preços de armazem.

R. Fanqueiros, 376, 2.º

A comemoração festiva do 4.º centenario de Lima

LIMA, 18.—Começaram hoje com grande brilhantismo, em todo o país, as festas comemorativas do quarto centenario da fundação de Lima, organizadas pela Camara Municipal desta cidade. Por toda a parte se nota uma extraordinaria animação e a presença de numerosos estrangeiros, muitos dos quais são representantes de quasi todos os Municipios do continente americano especialmente convidados a virem assistir ás festas.

Nas comemorações de hoje destaca-se a inauguração da esplendorosa estatua do fundador de Lima, Francisco Pizarro, que é uma das melhores obras do falecido escultor norte-americano Rumsey. O presidente da Camara Municipal de Lima, sr. Gallo Porres, ao inaugurar a estatua que se ergue no atrio da igreja catedral, pronunciou um vibrante discurso, em que destacou as altas virtudes civicas de Francisco Pizarro, fundador de Lima. (United Press).

Os submarinos holandeses

fizeram hoje uma imersão com officialidade portuguesa

Largaram hoje do Tejo, pelas 14 horas, os dois submarinos holandeses que ha dias se encontravam na doca de Alcântara.

A bordo seguiram, convidados pelo comandante em chefe para fazer uma imersão ao largo de Cascais, o almirante Muzamy, os comandantes Barros, Brivar, Pires da Rocha, Silva Moreira e Moreira Pinto e o nosso camarada Mauricio de Oliveira.

Uma vedeta da Aviação Naval seguiu para Cascais, a meio da tarde, a fim de trazer os convidados para Lisboa, visto os submarinos seguirem, após o exercicio, para o Mediterraneo.

"Rallye", de Monte Carlo

Amanhã, ás 9 e 30, partem de Umeia para Monte Carlo os concorrentes portugueses srs. Ribeiro Ferreira, Virgilio Baroso e Antonio Heredia, e no domingo, ás 11 e 40, sairão de Valença do Minho os srs. José Lopes da Silva, Manuel Nunes dos Santos, Bertin e Azpilicueta, aos quais será, na véspera, oferecido um banquete pela secção desportiva do Norte e, no dia da partida, um «Porto de Honra». Estes concorrentes são controlados na sua passagem por Lisboa, donde parte também, ás 11 e 50 de domingo, o sr. Elmano Vicente Ribeiro.

Acêrca do Rallye de Monte Carlo falará pela Emissora Nacional hoje, ás 21 horas, o sr. dr. Mario Madeira.

Prisão dum incendiario

Foi preso um individuo de nome Tomás Mafra, por ter lançado fogo a um predio que habitava na Covilhã, pertencente ao sr. Mendes da Costa, de Tortozendo, para receber de uma companhia de seguros um prémio de 70 contos.

O preso, interrogado pelo agente Lopes, confessou o crime.

Cultura cinematografica

Por absoluta falta de espaço, reservamos para amanhã a nossa habitual pagina de Cultura Cinematografica, que se devia publicar hoje.

Desastre de viação

Na sala de observações do hospital de S. José deu entrada, sem fãla, a peixeira Julieta Simões, de 36 anos, que hoje foi atropelada por uma camioneta na rua de D. Estefânia.

O RESTAURANTE «CHIC», da praça dos Restauradores, aberto toda a noite, dá garantia de asseio porque tem uma cozinha medelatamente montada e uma «Frigidaire» que mantém os mariscos, carnes e peixes, nas melhores condições de consumo.

VIDA ARTISTICA

Lisboa vista

por um artista alemão

Max Braumann, o tipo de artista moderno. O seu «atelier» é a rua, onde ele traça em «croquis» flagrantos a arquitectura cittadina, o movimento das grandes praças, os globulos vertiginosos da circulação nas arterias cosmopolitas—numa palavra tudo quanto caracteriza a fisionomia das metropoles, mas á superficie dos volumes e das formas. Como o nome indica, o artista em foco é um alemão—mas um alemão de Munique, berço das artes decorativas, na sua primeira fase, quando não tinham ainda sido inspiradas, espiritualizadas pelo genio latino da doce França.

Mas a tradição de Munique—sem o muniqueis exportativo, vem de mais longe, e tem dignidade, prestigio estético. Escola de artistas ela assegura o canone plastico do mundo germanico, com figuras de famosa nomeada.

Neste Max Braumann, que expõe agora, no Salão Tivoli, mal escolhido local para uma galeria de arte, o mais curioso não é observar os seus trabalhos, mas observar como ele reage ante a nossa grande e desvairada cidade, seus aspectos e tipos, seu «clima» e estilo atlânticos. Sem lhe tirar a sua poesia, o seu pitoresco, a sua dolencia, Braumann reduz-lá, em silheses admiráveis de flagrantia e espontaneidade, a materia topograficamente concreta.

O Rossio, por exemplo, aparece nos seus desenhos, com outros tantos aspectos conforme os seus angulos.

O turista em cima duma platibanda, acarvoo as suas folhas de papel, de impressões fugidias: amontoado de telhados, perfis de edificios, multidão densa, explorando-lhe, sobretudo, o recorte e a bizarraria. E' natural! E, dentro da sua maneira, o artista alemão marcou com garra nervosa todas as suas faculdades de desenhista, de traço largo, opulento, certo logo á primeira, duma bela maestria em «croquis».

O Terreiro do Paço em panoramica aerea também lhe deu ensancha para dois ou três trabalhos, de forma empolgante, impressões instantaneas, mas nitidas. O termo de Lisboa—é pena que se tivesse ido ate ao Lumiar—tem para ele uma estrutura geografica de bom contorno.

O carvão, apesar de monocolor, consegue captar «nuances» e marcar, com transparencia, os oceanos azues do nosso céu profundo. Esperamos que Max Braumann se demore mais algum tempo, entre nós, para penetrar o conteúdo espiritual da nossa gente; retribuindo assim mais largamente á boa impressão que temos da sua arte.

A. P.

Exposição Eduardo Lapa

Inaugurou-se hoje para a Imprensa a exposição de pintura da distincta artista D. Eduarda Lapa, que apresenta valiosos trabalhos de paisagem, figura e natureza morta.

O certame deve ser amanhã visitado pelo Chefe do Estado, ministro da Justiça e embaixador do Brasil.

Parlamentares espanhols

Os parlamentares espanhols que ontem chegaram a Lisboa foram hoje visitar Sintra e o Estoril. Esta noite, na Camara de Comercio de Espanha, será pelo «leader» da minoria radical, sr. Emillano Iglesias, feita uma conferencia sobre o tema «La necesidad de la Gran España».

Instituto Feminino de Odiveiras

No proximo domingo, ás 15 horas, celebra-se o 35.º aniversario da fundação do Instituto Feminino de Educação e Trabalho, com uma festa a que assistem o sr. Presidente da Republica e alguns membros do governo.

Suscitou-se um incidente

no Tribunal dos Pequenos Delitos por causa do «Filho do Ganga»

No Tribunal dos Pequenos Delitos, no Toren, foi julgado ontem o conhecido vigarista Alfredo Bento Lourenço, por alicunha o «Filho do Ganga», que conta 42 prisões por ter praticado outros tantos roubos pelo processo de rapina em que é especialista tão habilmente se havendo sempre, que os investigadores vêem-se em apuros para conseguir elementos suficientes para a condenação á face da lei.

Até que ontem o sr. dr. Vieira de Castro, que presidia ao julgamento, o condenou, mas por vadiagem, por não ter outro modo de vida conhecido, senão o de vigarista eximio, profissão esta que ainda não está legalizada...

A certa altura do julgamento o advogado do reu, sr. dr. Bessone de Abreu, apresentou um requerimento que o presidente indeferiu.

O sr. dr. Bessone de Abreu mostrou a sua surpresa ao magistrado, e o sr. dr. Vieira de Castro observou que o advogado se encontrava ali por favor e não por virtude de qualquer disposição da lei, o que deu motivo a um incidente.

—V. Ex.ª diz-me que estou aqui por um favor que V. Ex.ª me concede?!

—Exactamente.

—Nesse caso, prescindindo de favores desta natureza. E se V. Ex.ª me dá licença retire-me.

E, despidido a toga, abandonou acto continuo a sala.

O julgamento, no entanto, prosseguiu, sendo o «Ganga» condenado a ser entregue ao governo.

Feras envenenadas no Jardim Zoologico

Em 29 de novembro do ultimo ano a direcção do Jardim Zoologico comunicou á P. I. C. que num periodo de 15 dias haviam aparecido mortos nas respectivas jaulas alguns lobos e leopardos em circunstancias que denotavam haver crime, embora a detecção participante não suspeitasse nem das pessoas que iam ao jardim, nem dos empregados que lá trabalham.

O medico veterinario do Parque das Laranjeiras, dr. Piedade Guerreiro, examinou os cadaveres dos lobos e ficou com a suspeita de que, de facto, as feras haviam morrido por virtude de envenenamento. Procedeu-se á colheita das visceras, que foram enviadas ao Instituto de Medicina Legal, onde lhes foi feito o exame toxicologico, chegando os peritos á conclusão, comunicada ontem a quem de direito, de que pelo menos um dos lobos foi vítima de envenenamento produzido por arsenico.

A Policia vai proceder a investigações, a fim de descobrir os autores da proesa.

Um vigesimo da lotaria

para os pobres do «Diário de Lisboa»

O sr. major Paulo Rego, residente na rua Sousa Martins, 21, tendo-lhe sido enviado pelo correio, por um anonimo, um vigesimo para a lotaria cuja extracção se realiza amanhã e não podendo, portanto, devolvê-lo ao remetente, oferece-o ao «Diário de Lisboa» para que o respectivo premio, no caso de algum lhe vir a caber, seja distribuido pelos pobres protegidos pelo nosso jornal.

Os nossos agradecimentos ao distincto official. O vigesimo tem o n.º 10.258.

Agredido á facada

Agredido por Vergilio Cunha, com uma facada nas costas, chegou hoje ao hospital de S. José, em estado grave, o trabalhador Joaquim Marques, de 28 anos das Caldas da Rainha.

No TIVOLI: MEG LEMONNIER e CARETTE em

JORGE E GEORGINA

Uma extraordinária comédia musical da U.F.A.

A seguir: O JUDEU SUSS, a grande maravilha da temporada

«MENINAS»

Vasco de Mendonça

tala-nos da peça

que hoje sobe á cena

As peças de Vasco de Mendonça Alves têm sempre uma velha mesa de pau santo, simbolo patriarcal do lar português. A que hoje se estreia, no Nacional, com o titulo lirico e adolescente de «Meninas» não foge á regra. Desta vez, porém, não é uma mesa carcomida de tosca



talha, mas um polido, torneado «buffete», de sala armoriada de solar, onde a acção dramatica se inicia, em cenas graciosissimas de comedia, se nos podemos fiar nas inconferencias dos artistas, antes do descerrar do pano de veludo do palco do Nacional. O autor, que tem tanto de talentoso, como de modesto, não gosta de ser focado pelos jornalistas. Embora sem indecisões porque é um mestre feito na tão difficil arte de pintar almas e de construir existencias, ele prefere ouvir primeiro a opinião do publico. Interpretar-lhe as reacções para depois, no remanso do seu gabinete de estudo avaliar melhor ou pior o seu trabalho.

A custo forçamos a sua reserva. Foi interpretando os seus silhencios, até o que ele não disse, que obtivemos esta entrevista:

—A minha peça é uma comedia com figuras nitidamente portuguesas, passada no tempo de hoje...

—Só isso?

—Posso dizer-lhe também que é o choque de duas educações: a antiga exagerada nos seus processos, nas suas doces manias, e a moderna também cheia de exageros e de convencionalismos...

—A tonalidade da sua peça? D. Amelia Rey Colaço afirmou-nos que se trata duma obra cheia de elevação, pura de conceitos, e luminosamente lusiada...

—E' uma opinião que respeito, que acato porque se trata duma senhora, que é uma grande massa de teatro, que peca talvez por excesso de amizade...

Como nesta frase elegante, onde se aboliam os elogios, havia como que uma confirmação, inquirimos:

—As personagens?

—«Meninas». Duas raparigas. Dois tipos femininos que dão o contraste entre a educação antiga e a moderna, e, no meio, uma senhora de bandós brancos, mas de espirito moço, que é o juiz da minha batalha teatral...

—A que conclusão chega?

—Pergunte antes logo ao publico a que conclusões chegou... Não sei, talvez que no meio termo é que reside a virtude. Como sempre de resto; não lhe parece? Mas não insista...

—Então?

—Quero antes, sinceramente, e não para respeitar uma praxe, elogiar o trabalho dos meus interpretes. Fale, por exemplo, na Amelia Rey Colaço, que vai ter um grande e difficil papel, na autoridade admiravel de Palmira Bastos, na irreverente e aerodinamica Maria Clementina, «silhouette» do teatro moderno, na fresca e flor de Lalonde, no Robles Monteiro, no Raul de Carvalho...

E, Mendonça Alves, esquecido de si, continua falando do trabalho dos artistas do Nacional, com uma afeição calorosa e admirativa. No palco, por detraz do cenário, as duas «Meninas», Amelia Rey Colaço e Maria Clementina, contracenavam, cintilando as frases admiraveis da comedia.

Aberto até ás 24 horas
RESTAURANT ROM
Rua do Mundo, 100. a. 104.
Ampla Sala de Jantar
Luxuosos gabinetes no 1.º andar
Telef. 24.73
Recebem-se Comensais

RADIO EUROPA
REPARAÇÕES
T. S. F.
O LABORATORIO
mais completo do país
R. Augusta, 75, 1.º—LISBOA

A Cidade

Sensacional
A'S SENHORAS

Pela 1.ª vez em Portugal a Permalente POPEZKO, no Cabeleireiro do Rossio, 93, no 2.º andar tem elevador. Telef. 21740.

A Escola de Mecanicos

da Armada

recebeu hoje a visita

de ministros e oficiais generais

Os ministros da Guerra e da Marinha, o vice-almirante sr. Sarmiento Saavedra e os generais srs. Silva Basto, Hamilear Pinto e Morais Sarmiento foram hoje de manhã a Vila Franca de Xira, em visita à nova Escola de Mecanicos da Armada, criada recentemente e dotada de moderno material.

Receberam os visitantes, o comandante da Escola sr. capitão de fragata Palma Lami e todos os oficiais que ali prestam serviço, começando-se, após breves cumprimentos, a visita às dependências do importante estabelecimento.

Em poucas palavras pode dizer-se tudo: a Escola de Mecanicos da Armada, pela forma como está instalada e apetrechada, honra os serviços da Marinha e ocupa lugar de primazia entre os nossos estabelecimentos militares. Todas as aulas, amplas e claras, dispõem de material utilissimo, em parte moderno, sendo algum aproveitado do recheio de navios desarmados e abatidos.

Em qualquer dos casos, porém, o material da Escola é valioso, satisfazendo as necessidades da instrução, o que não quer dizer que não convenha, até como politica de economia, substituir o antigo por moderno, para se evitarem despesas com reparações.

O ministro da Guerra e os generais, a quem o ministro da Marinha e a officialidade da Escola davam todos os esclarecimentos, não ocultaram a sua excelente impressão acerca, não só da parte propriamente escolar, mas também de todas as outras dependências: alojamentos, messes, enfermarias, etc.—algumas mesmo postas com certo luxo.

Um curioso sistema de telefonia com alto-falantes, permite que as ordens sejam executadas simultaneamente em todas as dependências e patios da Escola, o que constitui uma inovação nos nossos estabelecimentos militares.

Após quasi três horas de pormenorizada visita, os ministros passaram às salas do comando e dos oficiais, mobiladas uma em estilo antigo, outras com sentido modernista, mas todas com requintado bom gosto.

O ministro da Marinha, antes que o seu colega da Guerra se retirasse, dirigiu-lhe estas palavras:

—Tive uma grande honra em receber aqui V. Ex.ª e os srs. generais. Penso que estas visitas, muito contribuem para a união das nossas corporações. E como precisamos de estar dia a dia mais unidos, farei tudo por que elas se repitam com frequência.

O sr. coronel Passos e Sousa agradeceu e fez, em termos calorosos, o elogio da grande obra que acabava de admirar.

Por ultimo, o sr. comandante Palma Lami, congratulou-se com a visita dos ministros e oficiais generais e afirmou que os elementos do Exército serão sempre recebidos ali fraternalmente.

Pouco antes do meio dia, os visitantes retiraram-se, sendo-lhes prestadas as honras da ordenança.

Companhia das Aguas

O juiz da 6.ª Vara, sr. dr. Rocha Ferreira, mandou notificar a direcção da Companhia das Aguas da suspensão das deliberações da ultima assembleia geral, no processo que foi instaurado pelo accionista sr. José Parreira. Isto implica a não execução do balanço em que figura o aumento de preço da agua e dos contadores.

CHOUX-ROUGES
RED-CABAGES
ROT-KOHL

Acaba de receber nova remessa a charcuteria TABOAS

Rua Barros Queiroz, 45

VIDA PARLAMENTAR

Prosseguiu hoje na Assembleia Nacional

a discussão do Regimento na especialidade

O sr. dr. Alberto dos Reis abriu hoje a sessão da Assembleia Nacional às 14 e 45. Assistiram 75 deputados.

O primeiro deputado a pedir a palavra, antes da ordem do dia, foi o sr. dr. Mario de Figueiredo, que, perguntou ao presidente se se consideravam afinal aprovados os primeiros cinco artigos do primeiro capitulo do Regimento, conforme consta do «Diário das Sessões».

E declarou:

—Realmente isto passou-se. Mas verificou-se a breve trecho que a aprovação se fizera no meio duma doce ingenuidade. V. Ex.ª adiou para hoje a discussão do Regimento na especialidade...

O sr. dr. José Alberto dos Reis informou que efectivamente, não devem considerar-se aprovados os referidos artigos, visto a sua aprovação ter ficado prejudicada pela resolução que depois tomou de adiar para hoje a discussão total na especialidade.

Os rrs. drs. João do Amaral, Querubim Guimarães e Carneiro Pacheco apresentaram depois algumas reclamações acerca do «Diário das Sessões», que foram aprovadas.

Lido o expediente, o presidente fez ainda alguns reparos ao «Diário».

Pediu em seguida a palavra o sr. dr. José de Penha Garcia, que declarou desejar enviar para a mesa o aviso previo de que quer tratar na Camara da «falsificação do azeite puro de oliveira e a situação da oleicultura».

O sr. presidente:

—V. Ex.ª expõe no seu aviso as razões por que deseja tratar de semelhante questão?

—Sim, senhor, presidente...

E enviou para a mesa o seguinte documento: «Considerando a importância da produção oleícola, quer sob o ponto de vista económico quer sob o ponto de vista social e do trabalho rural; considerando os graves prejuizos que resultam da falsificação em larga escala dos azeites puros da oliveira, praticada sobre tudo no norte do país; considerando que importa manter a boa aceitação dos azeites, genuínos no mercado nacional e prestigio das marcas portuguesas, no mercado externo: a Assembleia Nacional resolve chamar a atenção do Governo para este assunto e solicita que sejam tomadas providencias adequadas de defesa na riqueza oleícola nacional».

O sr. major Lobo da Costa, a quem foi depois concedida a palavra, requereu que lhe seja fornecida urgentemente pelo ministerio do Interior uma nota discriminativa dos emolumentos ou quaisquer outras importancias não orçamentadas e distribuidas nos ultimos dois anos aos funcionarios daquele departamento, e de organismos a ele subordinados, nos distritos de Lisboa e Porto.

Seguidamente, como não tivesse sido ainda preenchido o tempo destinado a antes da «ordem do dia» foi a sessão levantada.

★ ★ ★

Reaberta a sessão às 15 e 45, para discussão da ordem do dia, o sr. presidente referiu-se ao facto de se ter

procedido ontem á votação do primeiro capitulo do Regimento e dessa votação ter sido depois prejudicada, dada a justa reclamação dalguns deputados, não tinham sequer recebido ainda o parecer.

Pós em seguida á votação o primeiro capitulo do projecto de Regimento.

Pediu primeiro a palavra o sr. dr. Ulisses Cortez, que pediu se procedesse á leitura dos artigos que iam ser apreciados.

O sr. dr. Querubim Guimarães declarou depois ter duas duvidas, ao discutir o Regimento na especialidade: primeira, visto existir materia constitucional no projecto de Regimento, se pode a Assembleia discutir essa parte; segunda, se consequentemente se podem votar os artigos do Regimento de materia constitucional.

O sr. dr. José Alberto dos Reis declarou depois entender que os artigos do Regimento que sejam reprodução de outros da Constituição não podem ser alterados, com o que uma parte da Assembleia manifestou concordar.

Procedeu-se, seguidamente, á leitura dos 5 primeiros artigos do projecto de Regulamento.

Subiu á tribuna o dr. Mario de Figueiredo. Este deputado começou por dizer preferir a sistematização do primitivo projecto, manifestando, porém, a sua concordancia em alguns pontos com o parecer da comissão.

O orador fez depois algumas considerações de pura tecnica juridica e propôs varias alterações tendentes a tornar o Regimento um documento coerente com os preceitos constitucionais.

O dr. Mario de Figueiredo apresentou a hipotese do presidente querer intervir na discussão, que não se encontra prevista no projecto.

O sr. dr. Diniz da Fonseca informou que a hipotese está prevista no capitulo «atribuições do presidente», o que o dr. Mario de Figueiredo, depois duma breve consulta do projecto, afirmou não ser exacto.

O sr. presidente pediu em seguida ao dr. Mario de Figueiredo que concretizasse uma proposta de alteração ás suas objecções.

Falou ainda o dr. Carlos Borges que defendeu o mesmo ponto de vista do presidente.

Occupando a tribuna, a seguir, o dr. Lopes da Fonseca justificou o proceder da comissão, a proposito duma objecção do sr. Mario de Figueiredo.

O sr. dr. Carneiro Pacheco apresentou em seguida uma proposta, concordando com o sr. dr. Mario de Figueiredo no que diz respeito á intervenção do presidente na discussão da Camara, dizendo que ele deve poder fazê-lo mas fora do seu lugar.

Em seguida o sr. Mario de Figueiredo começou a ditar a sua proposta de alteração, declarando, porém, ser difficil proceder a esse trabalho visto o documento em questão não ser bem manuseavel. O sr. engenheiro Cancela de Abreu, que subiu depois á tribuna, começou por afirmar que o seu espirito, afeito ao vigor das matematicas, o obrigava a ser conciso. Declarou não concordar inteiramente com o sr. dr. Mario de Figueiredo, e fez algumas propostas de alteração ao projecto, em termos laconicos e precisos.

Como o sr. dr. Mario de Figueiredo declarasse não ter ainda tempo de redigir a sua proposta de alteração, o sr. presidente suspendeu a sessão por um quarto de hora.

Ao recommencarem os trabalhos, subiu á tribuna o sr. dr. Vasco Borges que, depois de saudar o presidente, declarou não estar de acordo com alguns oradores antecedentes acerca de inconstitucionalidade da convocação da Camara dissolvida. Com voz vibrante e em tom bem alto, o orador defendeu a doutrina segundo a qual não é inconstitucional tal convocação, visto desaparecer por efeito da dissolução, o poder legislativo que faz parte da propria Constituição.

O sr. dr. Henrique Cabrita, o deputado mais novo desta legislatura, pediu em seguida a palavra para manifestar a opinião de que a convocação da Camara dissolvida é absolutamente inconstitucional, baseando-se para isso em varios artigos do Estatuto.

O PORTO pelo telefone

O peixe e o frigorifico

PORTO, 18

A determinação camararia que obriga a que todo o peixe tenha de entrar nos seus frigorificos a fim de ser inspecionado e pagar a respectiva taxa continua a causar serios embaracos.

Assim hoje como já ontem sucedera as peixeiras não tiraram o pescado daquela nova dependencia municipal ficando a cidade privada dum dos seus mais apreciados alimentos.

O rigorismo com que esta determinação foi posta em pratica tem contribuido para o agravamento da questão.

Era de todo o ponto justo que fossem salvaguardados todos os interesses, mas, ao que parece, só uma pequena parte é favorecida, e o publico, que no fim paga todas as consequencias, vê-se em serios embaracos, pois que nem a peso de dinheiro consegue comer peixe.

Parece-nos que não seria difficil satisfazer as pretensões das peixeiras, tanto mais que elas não pretendem eximir-se ao pagamento dos impostos agora lançados.

Policia agiota

Foi preso Antonio Ferreira de Almeida, ex-guarda civil n.º 347, que ontem foi expulso da Policia em virtude de, por um processo que lhe foi instaurado, se ter apurado que praticava actos atentatorios da dignidade daquela corporação. O Almeida é acusado de emprestar dinheiro a 70 0/0 e de recusar a devolver objectos que lhe entregavam por garantia das importancias emprestadas.

O leilão de salvados do «Ruy Barbosa»

Ao contrario do que fôra anunciado, não se realizou hoje o leilão dos salvados do barco *Ruy Barbosa*, em vista duma ordem do Supremo Tribunal que determina a suspensão do processo que diz respeito ao barco e seus salvados.

No entanto, continuam os trabalhos da carga dos salvados que pertencem ás pessoas que as compraram na 1.ª arrematação.

Crime de morte

A Policia teve denuncia de que um marinheiro estoniano, tripulante do vapor «Mai» que ha dias appareceu morto no rio Douro, tinha sido assassinado por um barqueiro, o qual lhe furtara um casaco e setenta e sete escudos.

O CAFÉ «CHIC» serve optimos bifes e esplendido café á chavena.

No São Luiz: O filme que está batendo todos os

“récorde” de receitas!

O NOVO
TARZAN

TARZAN E A COMPANHEIRA

Combates espantosos entre feras e homens! O ataque dos leões esfaimados! As lutas de Tarzan com um rinoceronte, um crocodilo e outros animais selvagens!

BOLSA DE LISBOA

18 de janeiro
CONTADO

VALORES	Recebido	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 6 1/2 % 1923	1.103\$00	1.107\$00	1.108\$00
convert. em 4 3/4 % 1931	1.064\$00	1.063\$00	1.065\$00
Consolidado 5 1/2 % 1933	995\$00	991\$00	995\$00
4 1/2 % 1933	931\$00	930\$00	931\$00
Externo 3 % 1.ª Serie	—	1.580\$00	1.584\$00
3 % 2.ª	—	1.65\$00	—
3 % 3.ª	—	1.593\$00	1.600\$00
Emp. 4 1/2 % 1912	2.190\$00	—	—
6 1/2 % 1930-Consol.	517\$50	—	517\$50
6 3/4 % 1930-Portos	516\$50	516\$50	517\$00
6 % 1932	1.020\$00	—	1.022\$00
Acções			
Bancos			
Comercial de Lx. port	—	435\$00	—
Lisboa & Açores	—	402\$00	407\$00
Portugal	—	1.060\$00	1.075\$00
Espírito Santo	—	600\$00	—
C. de Seguros			
Bonança	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	179\$00	178\$00	179\$50
Nacional	—	—	—
Sagres	—	970\$00	1.020\$00
Tagus	—	680\$00	—
C. diversas			
C. P. ordinarias	—	—	—
privilegiadas	38\$50	38\$00	39\$00
Agua de Lisboa, port.	—	630\$00	690\$00
Cerveja Estrela	—	240\$00	244\$00
Cimentos de Leiria	—	500\$00	600\$00
Credito Predial	27\$90	27\$80	27\$90
Gaz e Electricidade	302\$00	301\$50	302\$10
Navegação	59\$20	59\$00	59\$50
Portugal e Colonias	71\$50	71\$50	71\$90
Portuguesa de Pesca	—	166\$00	180\$00
Tabacos de Pesca	385\$00	384\$00	385\$00
Tabaqueira	330\$00	—	331\$00
União Electrica Portug.	545\$00	545\$00	549\$00
Colonias			
Assur. d'Angola	393\$00	392\$00	391\$00
Busi-1.ª Emissao	37\$00	37\$00	37\$90
-2.ª	—	34\$00	—
Ilha do Principe	—	143\$00	145\$00
Obrigações			
C. P. 6 oio	525\$00	524\$00	525\$00
Predias 6 oio-1932 1.ª	91\$00	90\$50	—
7 oio	119\$50	119\$50	120\$00
U. Electrica Port. 7 1/2	—	127\$50	—
Busi 9 oio	119\$00	118\$50	119\$50

Henrique de Barros Gomes

Corretor oficial na Bolsa de Lisboa

Telef. 2 5482 Rua S. Julião, 62

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Andres	110\$05	110\$10
Paris	148.3	148.5
Madrid	3407.3	3407.7
New-York	22\$54.4	22\$57.4
Londres	7\$27.7	7\$28.7
Boma	1\$92	1\$92.3
Bruxelas	5\$25.4	5\$26.1
Amsterdão	5\$19.3	5\$21.4
Berlim	9\$01.4	9\$02.7
Praga	9\$3.9	9\$4
Rio de Janeiro	1\$46	1\$46.2
Libra ouro	—	—

BOLSA DE LONDRES

LONDRES, 18.—Bolsa de Valores: pouca actividade e irregular. Fundos britânicos, em geral firmes; os títulos alemães, «Davies» e «Young», firmes; títulos franceses, difíceis.—(Havas).

Sport Algés e Dafundo

Amanhã, realiza-se no salão de festas do Estadio Nautico do Sport Algés e Dafundo um baile abrigantado por uma magnifica orquestra «jazz», e no qual, entre varias surpresas, se fará a apresentação retrospectiva de danças de salão desde 1834 a 1935. A procura de bilhetes de convite tem sido grande.

Gremio de Trás-os-Montes

Como temos noticiado, realiza-se amanhã no Gremio de Trás-os-Montes um baile-sarau a favor dos serviços de Assistência aos Bombeiros Voluntários da Ajuda. Atendendo ao simpatico fim a que se destina, esta festa deve marcar como uma das mais interessantes da época.

Baile no «Solar Português»

Realiza-se hoje, das 21 e 15 às 0 e 30, uma «soirée» dansante no sumptuoso salão do «Solar Português». As entradas são seleccionadas, sendo imprescindível para as senhoras que não forem acompanhadas por convidados a apresentação do cartão de convite.

Antonio Luiz Ferreira

Missa do 7.º dia

Um grupo de amigos manda resar amanhã, 19, às 8 1/2, uma missa, por sua alma, na igreja de S. Domingos.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa de Almoester, D. Laura Igleziás Mendes da Silva, D. Maria Adelaide Nobre da Cunha Abreu Peixoto, D. Maria Elisa Esteves Mendes Correia, D. Inez da Cunha Sampaio Maia de Castro Saraiva, D. Maria Innocencia Infante da Camara, D. Alda de Castro Duffner, D. Celeste da Conceição Ferreira da Cunha, D. Ema Andresen Stuve e D. Marquiza Franco Teixeira Pinto.

CASAMENTOS

Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Consuelo Saavedra Bigas, filha da sr.ª D. Elisa Saavedra de la Peña Bigas e do sr. Alberto Piddwell Bigas, com o sr. João Pedro de Bellegarde Belo, filho da sr.ª D. Beatriz de Bellegarde Belo e do saudoso ministro das Colonias comandante sr. João Belo, tendo servido de madrinhas as sr.ªs D. Consuelo Fanol de la Peña, avó da noiva e D. Maria Gabriela Pereira Vilar e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Pereira Vilar.

Terminada a cerimonia foi servido na elegante residencia dos avós da noiva, um finissimo lanche da «A Garrett», recebendo os noivos um grande numero de valiosas e artisticas prendas.

— Sendo celebrante o prior da freguesia reverendo Silves Gonçalves, que no fim da missa fez uma brilhante allocução, realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande o casamento da sr.ª D. Maria Luiza Lebre de Moura Amaral, filha da sr.ª D. Violante Maria Lebre de Moura Amaral e do sr. Carlos Augusto de Moura Amaral, com o sr. João de Lemos Seixas La Cerda Castelo Branco, filho da sr.ª D. Maria do Carmo de Melo Falcão Trigo de Lemos e do sr. Inacio de Lemos Seixas La Cerda Castelo Branco, servindo de madrinhas a sr.ª D. Maria Amelia de Moura Amaral Proença Forte e a mãe do noivo e de padrinhos os pais dos noivos. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

— Finda a cerimonia religiosa, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo lanche da pastelaria «Ferrari», recebendo os noivos um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

PONTOS DE REUNIAO

No Trindade

Assistencia elegante á estrela na noite de ontem neste teatro da brilhante artista Raquel Meiller.

D. Gilda Auziolo de Mesquita Guimarães, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, senhora de Montesinos, senhora de Gallye d'Hyberville, senhora de Tapia, marquesa de Falal, condessa de Arge, condessa de Taboella, condessa de Idanha-a-Nova, condessa de Carrobo, condessa de Santar, condessa de Arnalde, condessa de Castro (D. Maria de Assunção), viscondessa de Tojal, D. Berta Ortigão Ramos, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Octavia Guedes Cau da Costa, D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich, D. Maria José Ortigão Burnay de Gusmão, D. Elisa da Costa Novais, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Flora Cabral Coimbra Dias Ferrão, D. Filipa de Sá do Amaral Coelho, D. Julia Camacho Santos, D. Palmira da Costa e Silva, D. Natalia Muñoz y Puig, D. Maria Berta Ramos de Castelo Branco e filha, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Albertina da Camara Rodrigues Walden Supardo, D. Ana Maria de Barros da Costa Moraes, D.

Josefina Moraes de los Rios Froes, D. Maria Joana Rino Froes Mousinho de Albuquerque, D. Lea Cohen Zagury e filha, D. Adelina Santos, D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, D. Herminia de Borba Nunes da Cunha e filha, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Delfina Mesquita, D. Maria da Nazaré Centeno Infante da Camara, D. Maria Gomes Monteiro e filha, D. Alcio Sousa e Melo, D. Amélia Correia Leite Godinho, D. Maria Godinho, D. Maria Godinho de Saldanha, D. Aurora de Albuquerque, D. Carmen Correia Leite Belmar da Costa, D. Maria Helena Belmar da Costa Moraes, D. Judite Mendes da Costa Novais e filhas, D. Julieta da Costa e Silva, D. Carolina Teixeira Pereira, D. Izilda de Vasconcelos Saigado, D. Irene de Gonta, D. Adelia Palau de Roura, D. Adeline Diniz de Almeida, D. Francisca Garrido de Lacerda, D. Ana Bierman de Brito Aranha, D. Arcelina Valente Moreira (Tabuelra), D. Izaura de Castro Araujo Santana, D. Paloma Benoliel Zagury, J. Natalia Zagury Contreiras, D. Maria Natalia Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Berta Belmar da Costa, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, D. Maria Antonia de Saldanha Marrecas Franco, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, etc.

NA GARRETT

E' amanhã que se realiza neste elegante restaurante do largo do Chiado a anunciada «ceia á americana», que está sendo aguardada com verdadeiro interesse pela nossa melhor sociedade, a qual será abrigantada pela magnifica orquestra «jazz-band» privativa, aumentada com uma orquestra de tangos.

As poucas mesas que restam marcam-se pelos telefones 2.6163 ou 2.6395, sendo o preço da «ceia» incluindo marcação de mesa de 35\$00.

Nos ultimos dias reorda-nos ter visto ali entre outras pessoas as sr.ªs:

D. Maria Moreira de Carvalho, D. Maria Joana Rino Froes Mousinho de Albuquerque, D. Aurora de Albuquerque, D. Maria Adelaide de Barros da Costa Serra, D. Laura Moraes de Carvalho, D. Fernanda Malheiro de Seves, D. Fanny Fonseca, D. Maria Palau de Moura, D. Irene de Sequeira Oliva de Avila e Bolama e irmã, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Alice Lopes de Almeida Smith, D. Maria Doroteia Pereira de Lacerda, D. Maria do Loreto Manuel de Borja Trindade, D. Maria Luiza e D. Sara Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Vera Bettencourt Moreira de Carvalho, D. Maria Luiza Pedroso Barata, D. Maria Izabel de Aguiar, etc.

Prefira a «CHIC» para os seus almoços e jantares, e verá que todo o serviço lhe dará inteira satisfação.

OS SEUS CABELOS...

a nossa ondulação por manobra sem fios e sem electricidade, marca o coloração, executamos las pelos processos modernos que maior realce dão á sua beleza.



ACADEMIAS CIENTIFICAS DE BELLEZA

A.D. LIBERDADE 35 - TEL. 21866

FEIRA DE LEIPZIG. — PRIMAVERA DE 1935

PRINCIPIA NO DIA 3 DE MARÇO

Grandes abatimentos nos Caminhos de Ferro Allemaes

Todas as informações dá o:

LEIPZIGER MESSAMT, LEIPZIG. (Allemanha)

ou o seu Representante Honorario:

A. SCHMIDT Praça dos Restauradores N.º 13 — Lisboa

Tel. 25757. Telegr: «Goma».

USE e o seu

Contra Constipações, Grippes, Bronquites, etc

VAPORIZADOR ELETTRICO

O TALHO N.º 28

Tem sempre abundancia de banha, toucinho, murceolas, farinheiras, oh urigos do carne e de sangue e toda a especie de carne fumada das melhores regiões.

Carne de porco, vitela, vaca e carneiro

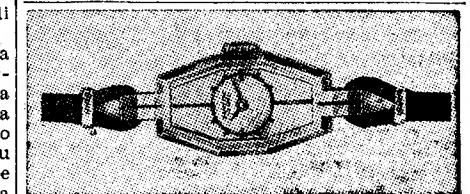
Fornece para hospitais, hotéis, casas de caridade, etc., nas melhores condições. Rua dos Fanqueiros, 14 (Mercado da P. da Figueira) - Telef. 2 8460.

Duas grandiosas sessões hoje na ante-penultima noite de «O Fim do Mundo», no Coliseu



Vanise Meireles na «Chinesa»

«O Fim do Mundo» termina no domingo, no Coliseu, as suas representações. Hoje é, portanto, a sua ante-penultima noite. Todas as pessoas que apreciam o bom teatro, cheio de alegria, de vida, de movimento, de esplendor e deslumbramento de cenários e de guarda-roupa, não devem perder a noite de hoje. «O Fim do Mundo» vê-se muitas vezes com a mesma curiosidade e o mesmo interesse, porque nos dá sempre a gratissima impressão de uma continuação surpresa. Por isso o publico não quer perder estes seus ultimos espectaculos. Bem sabe ele que em mais parte alguma encontraria a felicidade, a alegria, o bom humor e o encanto que «O Fim do Mundo» proporciona a toda a gente. Preços acessíveis a todas as bolsas.



Aprece os novos modelos do

TORROAES

Garantia absoluta

Todas as marcas Todos os preços

119 - R. DA PRATA - 123
Telef. 24210

2800

6 o numero de exemplares do Guia Oficial de Carreiras de Auto-Carros vendidos em 15 dias Adquiram hoje mesmo em qualquer tabacaria

Joias genero antigo

para todos os gostos. Transforma-se em conta qualquer objecto.

PEIXOTO & JARDIM

14, R. da Palma 14 Telef. 2 8582

FIAT

Conduite «Balilla»

Bom estado de 2 e de 4 portas, facilitase o pagamento. Vende-se na Aven. da Liberdade, 253.

REO E NASH

Conduites 5 e 7 lugares

Preços muito reduzidos, com facilidades de pagamento. Vende-se na Aven. da Liberdade, 253.



José Nogueira Pinto

FALECEU

José Rufino Peres, sua mulher Luisa Adelaide Moreira da Silva Peres, e seus filhos, participam a todos os seus parentes e pessoas de suas relações, o falecimento de seu querido tio, José Nogueira Pinto, realizando-se o seu funeral amanhã, sabado, pelas 15 horas, da sua residencia, Avenida da Liberdade, 177, 1.º D. para o cemiterio dos Prazeres, esperando honrem este piedoso acto com a sua presença.

Dr. Armando Narciso

Clínica médica

PRAÇA RESTAURADORES, 48, 1.º

Telef. 24738

ESTRANGEIRO**DR. MIGUEL DE MAGALHÃES**

Monitor da clínica de Necker — Paris

RINS e vias urinárias—Venerologia e sífilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.º
às 15 horas—Telefone 2 9062**A economia belga**

Um decreto importante

BRUXELAS, 18.—O *Monitor* publica um decreto que permite aos grupos profissionais de produtores e distribuidores exigir que as obrigações voluntariamente consentidas pela produção e pela distribuição sejam impostas a qualquer grupo de produtores e distribuidores que pertença à mesma indústria.

No relatório que precede o decreto, diz-se que o governo não pretende fazer economia dirigida mas simplesmente remediar os inconvenientes de um individualismo exagerado.—(Havas).

NOTÍCIAS DE ESPANHA

Dencás será extraditado?

MADRID, 18.—O Tribunal de Garantias resolveu por unanimidade solicitar do Governo francês a extradição do ex-conselheiro da Generalidade catalã, sr. Dencás, sob a acusação de ter defraudado os fundos daquele organismo administrativo catalão.—(United Press).

O abastecimento da Austria

VIENNA, 18.—O governo austriaco está a negociar com o governo argentino um tratado de comércio especial, a fim de a Austria comprar à Argentina anualmente 1.500 quintais de trigo que necessita para o conveniente abastecimento do país.—(United Press).

A viagem aérea directa

França-Rio de Janeiro

ISTRES, 18.—Foram plenamente satisfatórias as experiências do motor do avião «Joseph Le Brix», em que Codos e Rossi vão fazer a viagem directa Istres-Rio de Janeiro. A partida continua fixada para amanhã de manhã.—(Havas).

Gremio Luso-Alemão

Está aberta, no Gremio Luso-Alemão, rua do Passadizo, 86, a inscrição para mais alguns cursos elementares, médios e superiores de língua e de cultura alemã.

A inscrição pode fazer-se todas as segundas, quartas, quintas e sábados, das 15 e 30 às 18 e 30, e todas as terças e sextas das 20 às 23 e 30. As mesmas horas está aberto também o gabinete de leitura alemã.

Almoço de confraternização

No próximo domingo realiza-se no campo do «Rua Nova Foot-ball Club», aos Olivais, um encontro de «foot-ball» entre os funcionários da Administração Geral dos Serviços Hidráulicos, precedido de um almoço de confraternização, em Moscavide.

No CAFÉ-RESTAURANTE «CHIC» ha os melhores mariscos e cerveja, como a que melhor se tira nos estabelecimentos congêneres.

NENHUMA boa despesa dispensa **Sardinhas de Conserva**, rico prato saboroso, alimento esterilizado, isento de germens patogênicos, bem condimentado e pronto para a mesa sem passar pela cozinha.

Recuse as latas sem nome do fabricante.

Quintão, Ltd.

São os decoradores mais modernos do País Consultem-nos sempre e terão resolvido um grande problema

44, Rua Jvens — Telefone 20889

Aproximação franco-alemã

durante o ano de 1935?

PARIS, janeiro.—Pierre Cot, ex-ministro do Ar e um dos políticos mais brilhantes da nova geração política, considera possível durante 1935 uma solução das dificuldades franco-alemãs, que tenha como consequência uma paragem na corrida mundial dos armamentos. «O desarmamento é perigoso, mas o armamento é talvez tanto ou mais perigoso. Se se houvesse de cometer um equívoco, eu creio que o mundo preferiria fazê-lo no que se refere ao desarmamento. Creio, porém, que a França e a Alemanha chegarão durante este ano a um acordo concreto» assim se expressou o ex-ministro Cot. «Estou convencido, continuou, que a França deseja solucionar de vez todos os problemas mais importantes que tem a tratar com a Alemanha, apesar das dificuldades apresentadas pela situação interior da Alemanha. Em meu entender a solução da questão dos armamentos entre a França e a Alemanha só se encontrará no estabelecimento de uma Junta de Controle com a qual se eliminaria o armamento secreto. Creio que esta Junta, que se estabelecerá por meio da S. D. N., poderia exercer o seu controle tanto sobre as fases orçamentais como produtivas do rearmamento. A causa das dificuldades reside principalmente no rearmamento secreto. As informações segundo as quais a Alemanha teria empreendido um enorme programa de rearmamento fez que a França procurasse por sua vez fortalecer a sua posição militar. Isto levou também a Alemanha a fabricar novos armamentos. É precisamente o segredo em que se passam estas coisas que faz criar o círculo vicioso».

Referindo-se à importância de um acordo franco-alemão, Cot disse o seguinte:

«Uma vez que se chegue a um acordo o mundo sentirá que a ameaça de guerra diminuiu e consequentemente dar-se-ia maior impulso ao movimento a favor do desarmamento em todo o mundo». Cot, que foi um ardente defensor de Herriot com respeito às dividas norte-americanas, quando se debateu na Camara esta questão em 1932, expressou a sua admiração pelo trabalho que o presidente Roosevelt realiza, dizendo que tais experiências são de um valor incalculável para o mundo. «A França necessita experimentar o mesmo que os Estados Unidos neste momento, disse Cot. Creio que seria conveniente que os técnicos franceses estudassem as experiências que se levam a cabo nos Estados Unidos, na França, na Itália, na Rússia soviética. Seria possível em meu entender encontrar os pontos comuns no desenvolvimento destes esforços divergentes, e aplicá-los à França. Já que falamos da América do Norte, continuou Cot, quero realçar o que têm sido as investigações sobre armamentos realizadas em Washington. A Europa deveria imitar isto abrindo investigações semelhantes.—(United Press)

Boato que se desmente

PARIS 18.—A «Agência Económica e Financeira» faz saber que não têm fundamento algum os boatos postos a correr a respeito duma operação de crédito efectuada pelo Baco da França com a Itália, no valor de 2.000 milhões de francos.—(Havas).

O novo palácio da S. D. N.

GENEVA, 18.—O novo palácio da S. D. N. será inaugurado no próximo mês de julho. A ornamentação da sala das sessões foi confiada a artistas franceses.—(Americana).

BEN-GAR

O cigarro sempre Imitado mas nunca igualado

J. S. RODA, L. DA
R. Augusta, 86 a 96 Telef.: 2 5965
O primeiro estabelecimento do país de:
CAMISARIA E ALFAIATARIA
Com secções de Malhas, gabardine e impermeáveis, chaparias, artigos de viagem, luvares, novidades, etc.

A corrida dos armamentos

PARIS, 18.—O governo francês ordenou a imediata construção de quarenta e cinco cruzadores aéreos destinados a reforçar a aviação de guerra francesa. Os novos aparelhos podem ser utilizados como aviões de combate ou de reconhecimento. Cada um é provido de três potentes motores e pode transportar facilmente quinhentos quilos de bombas.

Segundo o contrato estabelecido entre o governo francês e a casa construtora, o primeiro grupo de cinco dos referidos aviões será entregue ao Ministério do Ar no dia 30 do corrente.—(United Press).

Combate de «box»

HAMBURGO, 18.—Anuncia-se que o formidável combate de box entre os famosos pugilistas Schmeling e Hammas se realiza nesta cidade no próximo dia 10 de março.

Reina grande entusiasmo por este encontro, que constitui um dos mais importantes acontecimentos desportivos realizados na Alemanha durante os últimos anos.—(United Press).

Crime político na Polonia

VARSOVIA, 18.—Declara-se oficialmente que não foi possível prender o assassino do ministro do Interior, coronel Pieracki, e que se trata de um terrorista ucraniano. O processo continua. O assassino será julgado à revelia.—(Americana).

O paludismo em Ceilão

COLOMBO, 18.—Anuncia-se oficialmente que o numero de vítimas causadas pela epidemia do paludismo, que há tempo grassa com grande intensidade no território do Ceilão, se eleva a 3.579.—(United Press).

Saudação que sai cara

GERA, (Alemanha), 18.—O tribunal desta cidade condenou a seis meses de prisão um operário alemão por ter feito ao passar na rua por um seu colega a saudação usada entre os comunistas.—(United Press).

A Polonia e a Lituania

VARSOVIA, 18.—Foram intimadas a comparecer no tribunal 560 pessoas, que são acusadas de ter fundado e protegido escolas lituanas ilegais na fronteira polaco-lituana e na região de Vilno.—(Havas).

Contra desastres de aviação

LONDRES 18.—Formou-se uma nova companhia de seguros «contra desastres de aviação», composta de 12 companhias inglesas e cujo capital será de 5 milhões de libras.—(Havas).

UMA PASTILHA VALDA na bocca é um resguardo

contra as dores de Garganta, Constipações, Rouquidão, Defluxos, Bronchites, etc.

é o bom remedio para combater todas as molestias do Peito.

Encontram-se em todas as Farmacias e Drograrias EM LATAS com o nome VALDA Representante H. REYNAUD LISBOA

Carreiras aéreas regulares

entre os Estados Unidos e a Europa

WASHINGTON, 18.—Consta, que o presidente Roosevelt pedirá na próxima semana a construção, para breve, dum dirigível gigante destinado a fazer carreiras regulares entre os Estados Unidos e a Europa e a criação de dois serviços regulares por aviões com o Hawai e com a Europa, via Bermudas e via Açores.

O governo vai pedir também que o numero de aviões do Exército e da Marinha seja fixado em 4.000.—(Havas).

Princesa que se faz freira

BRUXELAS, 18.—Comunicam de Berlim que a princesa Josefina, irmã do rei Alberto, partiu para Gunthersthal, perto de Friburgo em Brisgau, a fim de ingressar, como freira, no convento de Santa Lioba. A princesa, que é viúva do príncipe Karl de Hohenzollern Sigmaringer, vestirá o hábito depois de amanhã.—(Americana).

Banquete da Imprensa inglesa

LONDRES, 18.—O príncipe de Gales presidiu ontem ao jantar anual da «Imprensa do Imperio Britânico».—(Havas).

Experimente Esta Nova Receita Para a Pele

Extraordinárias experiências clínicas feitas com o extracto de Biocel (proveniente de animais muito novos) foram executadas pelo professor Dr. Stejskal, da Faculdade de Medicina de Viena. Mulheres de 55 a 72 anos viram desaparecer completamente as suas rugas no espaço de seis semanas. (Veja a descrição completa no Jornal Medico de Viena). Os músculos flácidos e enfraquecidos do rosto tornam-se frescos e rijos e os semblantes estragados são rejuvenescidos rapidamente. As mulheres de 50 anos podem agora parecer de 30 e obter rostos que poderão fazer inveja a muitas raparigas.

Fornecendo à sua pele este precioso extracto de Biocel que restitui a juventude, o Creme Tokalon, Alimento para a pele, Cór de Rosa, alimenta-a durante o sono. Aplique-o, à noite, antes de se deitar.

De manhã, empregue o Creme Tokalon, cór branca, (não gorduroso)—suprime os poros dilatados, os pontos negros e branqueia a pele de três tons em três dias.

A venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon, (secção D. L.), 88, Rua da Assunção, Lisboa, que atende sem demora.

**Companhia das Fabricas
Cerâmica Lusitania**
Grandes fabricas de bons pro-
dutos ceramicos de
**TODOS OS GENEROS E PARA
TODOS OS USOS**
Lisboa, Porto, Coimbra, Braga,
Setúbal, Faro, Portimão e etc.
A CERAMICA QUE HONRA O PAIZ!

ULTIMAS NOTICIAS

ODEON e PALACIO
HOJE: às 21.30
Amantes Fugitivos
com ROBERT MONTGOMERY
e MADGE EVANS

UM PLANO

Lloyd George defende uma aproximação anglo-norte-americana

LONDRES, 18.—O antigo presidente do governo Lloyd George, que já ha muito se encontrava retirado da politica, encetou ontem, dia em que completava 72 anos de idade, uma série de discursos acerca de lei americana do «New Deal».

No que proferiu ontem, o antigo primeiro ministro expôs as suas idéas quanto ao problema internacional, prometendo desenvolver-las em futuras conferencias.

Lloyd George declarou: «Qualquer sistema economico e social, por mais perfeito, desfazer-se-á se não tiver como base alicerces de paz e confiança. Alegria-me que se resolvesse o conflito do Sarre, e que se encontrasse uma plataforma para o litigio entre a Jugoeslavia e a Hungria. Esses dois problemas eram perigosos. Temos o dever de nos sentirmos orgulhosos por ter sido o nosso representante lord Eden, quem contribuiu poderosamente para remover todas as dificuldades que se levantaram na Europa, a proposito do assassinio do rei Alexandre da Jugoeslavia. Estou absolutamente convencido de que a situação europeia se encontra já suficientemente esclarecida para que seja possível um entendimento geral. Não me resta duvida alguma de que uma politica ousada, decisiva e firme, levada a cabo pela Gran-Bretanha, poderá tornar-se um remedio eficaz para a perigosa e precaria situação internacional. Nós, ingleses, temos obrigação de tomar uma attitude mais definida e mais forte que até aqui, para que se resolvam todos os problemas que possam constituir uma ameaça para a paz, tanto no Oriente como no Occidente. O mundo está pronto a aceitar todas as condições que levem á tranquillidade geral; mas para isso será necessario que a Grã-Bretanha dê o melhor do seu esforço. Não temos nenhum interesse especial em que haja conflitos na Europa, e, desde que a eles nos oponhamos, o facto só se reverterá a nosso favor. Os Estados Unidos, estou certo, estão prontos a cooperar connosco, e o mundo não poderá deixar de respeitar qualquer acção que a tomada por duas nações tão poderosas. Esta acção conjunta não dirá apenas respeito aos assuntos europeus, mas também ao Pacifico. Aqui, os interesses comerciais são mais vivos e mais ameaçados do que na Europa. Assim, será necessario chegar a um entendimento com a America do Norte, se quizermos obter um exito em qualquer acção que venhamos a tomar no Oriente. Se o governo britânico estiver disposto a isso, eu proprio tomarei imediatamente as providencias necessarias para que se chegue a um entendimento com aquele grande país e então poderemos agir em conjunto, de modo a assegurar a paz mundial».

Referindo-se ao commercio internacional, Lloyd George declarou que a Gran-Bretanha já assentara nas suas tarifas aduaneiras «e usá-las-á, quer seja para remover inteiramente as dificuldades do presente, quer seja para as diminuir consideravelmente». Voltando-se depois para o problema interno, Lloyd George afirmou que as soluções americanas não poderiam necessariamente ser applicadas em Inglaterra e aconselhou a nomeação duma comissão permanente, sem qualquer filiação partidária e absolutamente independente, para preparar e aconselhar o governo na solução dos varios problemas que necessitam acção immediata, tais como reconstrução de bairros improprios para habitação, estradas, caminhos de ferro, distribuição de energia electrica e problema agrario. O antigo chefe do governo chegou mesmo a aconselhar a formação dum pequeno Conselho de ministros, sem preocupações politicas de qualquer ordem e que servisse de braço direito ao gabinete actual. Terminou por declarar que o Banco de Inglaterra deveria estar em contacto permanente com todas as industrias e comercio, podendo dar-lhes conselhos e sugestões de acordo com as dificuldades que se apresentassem.—(Havas).

ARAKS

Experimente a nova remessa, ponta de seda, 20 cigarros por 5 escudos.

O PROBLEMA DO SARRE

Aplanaram-se as dificuldades entre a França e a Alemanha Surge agora a questão das represalias

BERLIM, 18.—No domingo celebra-se na basílica de Santa Hedwige solene «Te-Deum» por motivo do regresso do Sarre ao Reich.

Por outro lado, deve chegar hoje a Berlim José Buerckel, commissario do Reich no Sarre, e á disposição de quem Frick pôs 100.000 marcos para auxilio á população pobre sarrense e descendentes daqueles que morreram no combate pela patria.

Por seu turno, a opinião alemã acolhe com grande satisfação a decisão do Conselho da S. D. N., e depois de ter atacado violentamente a França, reconhece agora a boa vontade do governo francês.

A Imprensa reproduz as palavras de Laval e insiste no tema segundo o qual «a aproximação franco-alemã é uma das condições essenciais da paz europeia». Assim o escreve o *Deutsche Allgemeine-Zeitung*, e o *Berliner Borsen-Zeitung* afirma que os «estadistas responsáveis da politica franceesa conseguiram afastar as dificuldades levantadas por determinados circulos». Esperemos—conclui—que as negociações serão conduzidas dentro do espirito que caracteriza as de Roma.

O *Voelkscher Beobachter* frisa a attitude conciliatoria da França e declara que o discurso de Laval é «feliz presagio do futuro».—(Havas).

Eshocam-se represalias

SARREBRUCK, 18.—Um dos edificios onde se refugiaram numerosos membros da «Frente Unica» oferece o espectáculo dum imenso e miseravel faldstier, onde reina uma verdadeira ansiedade. Em Camphausen dá-se o mesmo facto: umas sessenta pessoas, que tiveram de fugir ás represalias dos nazis, refugiaram-se num edificio das minas domiliais. Frantz, chefe do gabinete da Heimbürger, compareceu nos lugares do refugio para inquirir acerca dos factos que se passaram. Parece averiguado que os refugiados não pensaram em pedir o auxilio da Policia. Consta que esta convocou os refugiados para os ouvir, mas recelam eles que, ao sairem do commissariado, sejam atacadas e presas pelos nazis. Sulz-zych está occupada por tropas italianas, «que não devem intervir em tais casos».—(Havas).

Prossegue o regozijo no Reich

BERLIM, 18.—Prosseguem as demonstrações de regozijo em todo o Reich por motivo da victoria alemã no Sarre. O governo de Berlim está em comunicação directa com o de Paris, sabendo-se já que chegaram a acordo acerca de muitos pontos importantes, sem excepção da data da entrega do territorio.

O assunto verdadeiramente importante é a desmilitarização do Sarre. A «Correspondencia Politica e Diplomatica» escreve:

«A cessão do Sarre por 15 anos á França resultou, como se sabe, de um

compromisso das grandes potencias e teve por fim realizar uma «experiencia» contra a Alemanha. O Sarre experimenta hoje um sentimento de desafogo e abre o caminho para uma nova era de fraternidade europeia. A «experiencia» só teve um resultado: perturbar funestamente as relações franco-alemãs. Paris e Berlim mostram hoje as melhores disposições, o que todo o mundo encara com contentamento. Depois de Locarno e da evacuação antecipada de Ruhr, permaneceram em Sarrebruck adherentes a uma má politica, por ser contraria a Locarno. Tudo isso acabou no dia 13. As relações franco-alemãs estão claramente traçadas, desde agora. Construiu-se uma ponte entre a França e a Alemanha».—(Americana).

O regresso do Reich a Genebra

LONDRES, 18.—Na entrevista que concedeu a Ward Price, redactor do *Daily Mail*, Hitler declarou que ninguém na Alemanha tenciona pôr condições para o Reich voltar a tomar parte nas assembleias de Ginebra. A igualdade de direitos—disse Fuehrer—não é uma condição. E' o proprio bom senso. Hitler acrescentou que considerava um insulto para o povo a discriminação entre igualdade moral e material. Interrogado acerca da participação eventual da Alemanha no Pacto oriental e no protocolo de Roma, Hitler declarou: «A condição essencial será o reconhecimento da igualdade de direitos».—(Havas).

A Alemanha pacifista

LONDRES, 18.—O embaixador da Alemanha, von Hoesch, discursando num banquete official, declarou: «A nova Alemanha tem dois objectivos principais: no interior, a reconstrução economica; exteriormente, a igualdade de direitos. O Reich deseja a colaboração internacional, mas é ela possível enquanto houver povos sem direitos? O meu país não assinará qualquer acordo ou tratado, sem que esteja colocada num pé absolutamente de igualdade com os outros signatarios. De resto, sem igualdade não ha entendimento duravel. A Alemanha quer a paz. Já hoje ninguém o duvida sinceramente. Ela espera que 1935 trará uma maior aproximação germano-britânica e uma mais estreita amizade entre todos os povos».—(Americana).

Que se passa em Berlim

BERLIM, 18.—Ontem á noite a Policia exerceu uma «acção misteriosa» nas principais arterias do centro de Berlim. Patrulhas compostas por três homens do corpo da gendarmaria nazi percorreram as ruas, exigindo dos transeuntes a apresentação dos seus bilhetes de identidade.

Ignora-se o motivo desta precaução, que aliás parece insolita e tem dado lugar a largos comentarios.—(Havas).

O governo espanhol O Japão propõe-se defender

vai dirigir um manifesto ao país

MADRID, 18.—O presidente do Conselho, sr. Leroux, teve uma larga entrevista com o Chefe do Estado, no palacio presidencial, durante a qual entregou ao sr. Alcalá Zamora uma copia do manifesto que o governo vai dirigir ao país, relatando pormenorizadamente os acontecimentos revolucionarios de outubro das Asturias e da Catalunha. A' saída, interrogado pelos jornalistas sobre se tratara com o sr. Alcalá Zamora da anunciada reorganização ministerial, o sr. Leroux disse que nada podia ainda anunciar, porque nada estava ainda resolvido.—(United Press).

a China

contra «a opressão da raça branca»

TOQUIO, 18.—Noticias publicadas na Imprensa japonesa anunciam que o ministro dos Negocios Estrangeiros do Japão, sr. Hirota, tem o proposito de visitar a China em outubro do corrente ano. A sua visita áquele país terá por objectivo o estreitamento das relações sino-japonesas a fim de que a paz no Extremo Oriente possa ser um facto. Assim, oferecerá á China o apoio do Japão «contra a opressão da raça branca», que ali se faz sentir ha anos, segundo informa o comunicado que foi tornado publico.—(U. P.).

EXERCITO FRANCÊS

Weygand foi substituído pelo general Gamelin na chefia do Estado Maior

PARIS, 18.—O general Gamelin foi nomeado chefe do Estado Maior do Exercito em substituição do general Weygand.—(Havas).

O afastamento do general Weygand, do mais alto posto do exercito francês reveste um duplo aspecto militar e politico.

A situação deste official era preponderante. A sua forte personalidade assinalara-se durante a grande guerra, primeiro como chefe do Estado Maior do exercito de Foch e depois nas grandes operações que concluíram pelo desmoronamento do «front» inimigo. Na celebração do armistício e nas negociações para a paz, Weygand desempenhou um papel primacial, desenvolvendo ainda uma acção brilhantissima durante a campanha da Polónia e na organização da defesa deste país. Escritor de rara aptidão literaria os seus estudos sobre «Turenne» e o que ultimamente publicou sobre o armistício deram-lhe justo renome; por isso a sua entrada na Academia, onde estiveram Joffre, e Foch e onde ainda está o marechal Pétain, se considerou como uma consagração devida ao seu talento de escritor militar e ao seu genio de official do Estado Maior.

O substituto de Weygand, general Gamelin, é uma personalidade muito conhecida nos meios da especialidade, tendo também desempenhado uma acção importante durante o conflito mundial.

Weygand abandona o seu posto em obediencia ás disposições legais sobre limite de idade. Mas ha muito que os jornais nacionalistas da sua patria vinham fazendo uma campanha intensa em favor da sua conservação na chefia do Estado Maior.

Isso provocou, pelo jogo das forças politicas, uma reacção entre os elementos da esquerda que, considerando embora os altos serviços prestados por Weygand, defendiam o criterio de que a lei devia applicar-se no seu caso, como, de resto, aconteceu com outras altas figuras militares.

Este é o aspecto politico da questão que certamente, vai dar origem a discussões apaixonadas e a polemicas violentas.

Acontecimento cinematografico

A empresa do Capitolio chama a atenção do publico para o programa de hoje em que, pela primeira vez, se exibem na mesma noite os sensacionais filmes portugueses «A Canção de Lisboa», e «A minha noite de nupcias», nos quais se destaca o gracioso trabalho da popular «vedeta», Beatriz Costa e avulta a veia comica dos grandes «azes», do riso Vasco Sant'Ana, Amaranite e Antonio Silva.

Sabado 19, na GARRETT Grande Ceia á Americana

Preço, incluindo marcação, 35\$00 esc.
Reservam-se mesas pelos telefones 26163 e 26395.

Qual é afinal o melhor...

Só V. Ex.ª nos poderá responder, experimentando os pratos originaes de especialidade que se preparam diariamente no velho Caté Restaurant Suisse. Servindo-se na Quinta-feira Arrôz de Caril á Indiana e na sexta Bacalhau á Viscainha.

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO — PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

HORACIO

e

ERASMO



QVINTVS
HORATIVS
FLACCVS

almada 150

65 A. JC

Nos confins da Apulia e da Lucania, na cidade-colônia de Venusia, nasceu, a oito de dezembro de 65, antes de Cristo, Quinto Horácio Flaco. Seu pai foi escravo público, primeiro, que conquistasse o título de cidadão, podendo assim exercer o cargo de «coactor» — ou seja recebedor oficial nos litúrgicos.

Frequentou escolas na sua terra natal, em Roma e Atenas. Muito novo, começou a revelar-se como quem era — vivo, inteligente, mordaz, epicurista delicado e poeta desde a raiz dos cabelos. O gramático Orbilius Papius, cuja escola frequentou, classificou-o de insubordinado, mas ele pagou-lhe com capital e juros: «plagosus Orbilius» — assim lhe chama numa das suas epístolas. Virgílio, Varrão e Tucca apresentaram-no a Mecenas: mostrou-se reservado, calado, diante do grande senhor. Nem uma palavra de lisonja! Passados nove meses estavam amigos e confidentes. Horácio, que batalhara, em Filipos, nas hostes de Brutus, ignorava as cadeias da subserviência: queria sentir-se livre, desembaraçado na sua vida privada, alheio à política, observador dos costumes e seu crítico, agressivo às vezes contra os «snobs», mas moderado nos epítetos. Dedicava-

se às mulheres que escolhia como o mel da vida. Arquiloco forneceu-lhe o jamba que ele aperfeiçoou e latinizou nos E'podos, tornando-o ligeiro e vivo como um insecto. Depois de Lucilius, fez da sátira o género romano por excelência, num tom de cavaco crepitante e fumegante de espirito. Com Alceu e Safo, cujos «motivos» retomou e rejuvenesceu, agregou ao seu domínio o lirismo, cheio de delicadeza urbana e sentimental, que lhe permitiu levar os seus compatriotas do riso para o sorriso, da alegria ruidosa para o murmúrio suave.

As suas odes, que versam matéria diversa, reflectem «momentos» duma alma maravilhada e vagabunda.

Nas epístolas, labor de poeta, moralista, cronista mundano e jornalista, eleva a familiaridade e o convívio «inter amicos» à categoria da arte pura. A que dirigiu aos Pisões abrange a lição de Aristóteles na «Poética» e a sua própria experiência e reflexão. A glória de Horácio, a princípio invejada e contestada por quantos rastejavam em torno dele, pedinches e famintos, culminou com o «Carmen Saeculare», cantado em cântico pela juventude em honra de Apolo e Diana.

A carta em que, por intermédio de John Faber, se dirige a Henrique VIII, pedindo benevolência para o seu querido Tomaz More que não aceitara o «Acto de Supremacia» — o que, e levou ao cadafalso — ainda hoje encerra um pungentíssimo grito de piedade e de justiça contra o desvario sangrento.

Derradeiro sorriso malicioso de Erasmo: o papa Paulo III, ao subir ao solio pontifício, mandou-lhe oferecer o chapéu de cardinal.

Teria respondido:

— Nem tanto, nem tão pouco!

A morte rondava-o e ele queria recebê-la tranquilamente, na sua morada do «Lirio Branco», deixando es- correr os dedos sobre páginas venerandas, impressas nas oficinas de Aldo Manuzio, Froben ou Amerbach. «Vanitas vanitatum»...

O humanista que percorrera demoradamente a Holanda, sua pátria, a França, a Inglaterra, a Itália, a Suíça e a Alemanha acreditava como ninguém que a antiguidade clássica era o molde perfeito da civilização que se anunciava, no fragor das controvérsias e das lutas. Atenas e Roma renasciam da poeira imortal que as velava.

Numa coisa, porém, se enganava. Erasmo: a Europa não podia resolver a crise que a despedaçava, pelo en-

canto académico das viagens eruditas e simbólicas ao Páthemon ou ao Capitólio.

Por imitação, ou copia, fabricam-se máscaras, mas não se acalmam angústias. Uma coisa é a inspiração que nós podemos alcançar, invocando as Musas, e outra, bem diferente por sinal, a obra em que cada época marca os relâmpagos da sua inspiração, os vestígios da sua passagem.

Roma e Atenas designam atitudes, fornecem indicações indispensáveis na descoberta do homem, quem ou será negá-lo?

O latim e o grego não perdem a sua feição própria — instrumentos de construção estética e racionalista, disciplinas magistrais, na ordenação e hierarquia das nossas faculdades. Não lhe atribuíamos valores que lhes não cabem: o humanismo, para se enraizar e fecundar a grega, necessita que o homem o converta em vontade de domínio, completando-o com o seu esforço e o seu génio inventivo. O mundo é o que nós formos — a vibração intensa dos nossos sentidos.

As grandes crises históricas só se deixam domar, quando nós as subjuguamos com os nossos braços, na alta confiança de que o homem caminha no tempo e na eternidade.



ERASMVVS
MDXXXV

UM CONTO POR SEMANA

Do Homem que perdeu uma dimensão

— Mensch! Was brutest du?

Schüller

Junho amadurecia os trigos com a sua luz dourada, tostadora da pele sanguínea das camponesas que, perante as ofertas soberbas da terra, cantavam o amor, a mocidade, a loucura de Pan—divindade rustica e boémia que, escondida nos troncos das arvores, tocava a sua flauta cativante, aquecendo os desejos entorpecidos.

As espigas, fatigadas com o peso do grão, inclinavam-se para as fources, como que a pedir-lhes:

— Mata-me com carinho, não vá perder-se o fruto que creio.

Era um instante de plenitude e harmonia, medido pelo coração de raparigas de vint'anos—incultas, instintivas e anunciadoras de noivados silvestres, quando o inverno, com o seu farto capote alentejano, batesse ás portas dos casebres cobertos de telha e giesta, no improvisto das vidas que não têm tempo para formar um lar de grande estilo.

— Quando te casas, Maria?

— Assim que apareça noivo. F. não suspiro por um lavrador, pois contendo-me com um tocador de viola.

— Que paixão pela musica!

— Assim mesmo: os dois á lareira, nos longos serões, e a viola a partir e a ligar os nossos destinos.

— Nem ao menos um pedacinho de pão, na arca, e um paio, no fumeiro?

— Basta-me ter alegria cá dentro, para que a fome fuja de nós, como os lobos, mal sentem o latido dos cães.

O dialogo prosseguia dentro deste tema, escaudando as bocas vermelhas e frementes, cavando na espessura do sonho mal desbastado a vereda da felicidade. As canções pegavam umas nas outras, como opas nas procissões—primeiro, em côro que alastrava pela planície loura, animando-a e incendiando-a com fulgores virginais, a seguir, a Marianinha, com a sua tinteleta romantica, a voz á flor qual manjerico em manha de S. João, ia mais além, no paraíso inviolado da esperança, acordando numa nota mais triste a quimera namorada e nunca encontrada.

— Que diabo de págoe é este? Isto é arraiá, ou restolho?

Era o «patrão» que surgia inesperadamente, do lado do Guadiana, com o voseiro autoritário de quem vela pela sua propriedade, sem qualquer especie de comunhão com a poesia das cousas.

— Oh Antonia... oh Luzia! então vocês julgam que eu vou hei de pagar a «jorna» com cantigas?... Raios partam a preguiça e a moleza com que pegais na fouce!

Apeou-se do cavallo que vergava e suava sob a massa ostentosa e flacidada do opulento senhor—atarracado, vasto e ventruado, com duas perninhas gotosas vestidas de bombasina, o tronco apertado num colete branco que lhe desenhava os refegos da pansa. Na cabeça, um amplo chapéu cinzento desabado que lhe cortava o rosto pedulado e vermelho do alto da orelha direita para a base da esquerda, com uma risca de sombra onde o nariz, com narinas largas e fumegantes, imperava, á maneira de labareda numa charranca.

Abotoou o casaco que oscilava sem governo sobre os rins, largando as redeas da montada que aproveitou a alforria para rinchar a quatro leguas de paisagem, em redor, que uma fagueira brisa nortenha tombava docemente, na variedade cálida e flava da riqueza que trazia nos flancos.

O lavrador limpou-se de suor, mediu com os olhos o friso vivo dos homens e mulheres curvados para o chão, na faina de cortar pavelas, desafogou a vista pela extensão das suas herdades, dizendo consigo:

— Se não fosse esta maldita gôta, seria completamente feliz...

Corno ouvisse ao longe, numa curva breve da estrada, a busina dum automovel, chamou um dos caseiros:

— Oh João!

Aproximou-se de chapéu na mão, num cumprimento respeitoso:

— Como passa «vossoria», sr. doutor? A senhora e os meninos?

— Tudo bem, graças a Deus. Co-

bre-te que faz calor. Tu sabes se o morgado das Piteiras já cá está?

— Fui ontem á vila e o Frausto disse-me que o esperava, dum momento para o outro.

— Então deve ser o carro dele que, mesmo agora, passou além, a caminho do «monte»...

— «Vossoria» não manda mais nada?

— Podes-te ir embora. Adeus...

Eis o seu espinho, o morgado das Piteiras que todos os anos, no verão, descia de Lisboa até ás margens do rio, onde a sua presença era bemvinda e generosa. Sentia-se humilhado, enquanto ele não voltava costas, deixando, em fins de julho, as Piteiras entregues ao seu honrado administrador que tinha ordens severas para não consentir que, dentro dos seus torrores, houvesse enferma sem assistência medica, trabalhadores á minigua e noivas sem enxoval. A sua ultima recomendação, já com o motor á trabalhar, frisava ainda:

— Com qualquer desses vagabundos que atravessam o Alentejo, no duro inverno, batendo ás portas dos lavradores, mostre-se humano e compassivo...

Assim que abalava, volviam-se para ele, no rasto da poeira que o automovel levantava, os rostos do mulheiro, a despedir-se:

— Que seja feliz, sr. morgado!

Com isto não podia o sr. doutor cuja avareza desconfiada o punha de sobreaviso contra tais liberalidades.

— Este homem, mais dia menos dia, cai nas mãos dos agiotas. Com uma alma tão bondosa, chega-se á miséria e ao paraíso.

Depois de ficar, por uns minutos, a rumir no que ele apelidava de «delirio de grandezas», afastou a obsessão e reentrou na sua consciencia, impenetravel aos bafoes piedosos do Evangelho.

— Felizmente que a gôta, que tanto me atormenta, não me dá tempo para cuidar das desgraças alheias.

Num repente, caindo em si:

— Que horas são?, fez ele consigo, mirando o relógio. C'os demonios, já meio dia! Vamos ao almoço...

Trepou para o cavallo que rangeu sob o peso e gritou para o enorme rancho desenvolvido em inquieta e vistosa ondulação, a derrubar uma mancha opipara de trigo:

— São horas de descanso! Vejam lá se prolongam a sêsta, além do que é justo.

Cinco minutos depois a sua silhueta confundiu-se no verde-escuro das asinheiras, sorvido pelas romagens que lhe roçavam na cara, com as folhas metalicas e irritadas.

— Lá se «desfez» o avejão!, bradou o rancho restituído ao bom humor descuidado. Assim que aparece, julga a gente que nos põe a páde no peito. Ha de morrer um dia, pôde de rico, mas esquecido, sem uma saude.

Maria, Luisa, Marianinha, Antonia e todo o bando folgazão das ceifeiras e dos ceifeiros, numa rumorosa enchente de gargantas palreiras, correram para o velho casarão onde o almoço se oferecia apetitoso, com o cheiro alicianço do gravenco com chouriço, ladeado por frascos alguidarada de salada.

— Quem me dera abraçá-la, tia Rita! exclamou um pimpão sofrego que não podia saborear a comida, sem se confessar amoroso da cosinheira.

— Mata primeiro a fome e depois se verá o que te resta no paladar.

— Mas eu queria começar por um prato fino...

— Vai lavar primeiro as gadunhas que, talvez assim, tenhas mesa de fidalgo.

A pouco e pouco, foram-se calando os tagarelas e um silencio religioso mandibular convenceu cada qual desta grande verdade:

— «O comer e o dormir dispensam discursos».

— Não ha vinho, tia Rita?

— O sr. doutor fecha-o na adega, á espera de comprador. No seu entender, o vinho só é bom para negocio.

— Por causa da gôta, não é? Receia que o tanino lhe estrague os ossos... Bebe-o com os olhos e guar-

da-o na «burra». Como os gestos são diferentes!

Quasi sempre a refeição findava com uma soneca reparadora que o abegão vinha interromper esbaforido:

— Arriba!, que vem aí o «patrão». Naquela funeste tarde, contra o costume, acompanhava-o a esposa—senhora que raramente saia ao campo, reclusa no seu quarto, queixosa de imaginarias dôres, caprichosa, rebelde, mas escrava do poder despótico que a subjugava.

As criadas, em voz baixa, apodavam-na de neurastenia e de maluca. Irritava-se a cada passo, despedia-as, por suspeitar que elas, á sucapa, moviam da sua autoridade.

— Quem manda aqui sou eu!

Meia hora depois, desanuviava-se, arrependia-se do que fizera e apresentava desculpas.

— Não façam caso, foram nervos.

Que se dera, entre os dois?

O sr. doutor não ocultava uma funda contrariedade que se traduzia principalmente por um movimento convulsivo dos labios enveredados que se deslocavam para a direita. Apertava nervosamente o polegar contra o indicador, abanando a dextra, de traz para diante.

D. Maria do Rosario, com a sua magreza esguia e palida, mas erecta, aparentava serenidade—quasi um sorriso á esboçar-se na boca penitente. O rancho simpatisou com ela e saudou-a com uma pontinha de affecto:

— Boa tarde, minha senhora...

Ela aproximou-se e atraiu a si familiarmente, os que vinham á frente—rapazes e raparigas:

— Como têm passado?... Conheço-os a todos, apesar da minha doença. Mas agora que vou melhor, havemos de ver-nos diariamente. Meu marido anda bastante fatigado...

O sr. doutor encarou-a com mau semblante e rosou, por entre dentes:

— Para que te havia de dar a maliqueira!

Recomeçada a faina, os dois conservaram-se de pé, alheios um ao outro, sem repararem que os ceifeiros comentavam de mansinho a sua chegada intempestiva e sobretudo o ar colérico e desolado do «patrão». D. Maria do Rosario propôs decidida:

— Voltemos para casa, que temos muito que falar. Casámos ha vinte e três anos e ainda nos desconhecemos.

— Tarde, Mariasinha: tu e eu, eu e tu, se nos explicassemos claramente, arrepende-nos-íamos não do nosso silencio, mas das nossas palavras imprudentes.

— Ver-se-á...

O automovel aguardava-os em baixo, a meio quilometro da estrada. Desamarrou num rompante e prestes torneu para a esquerda, em demanda de Moimho Velho. Dez minutos depois, ela e ele sentiam-se face a face, numa pequena sala virada ao norte, onde o sol não entrava com o seu lume estival.

— Sou todo ouvidos... arriscou ele, num tom em que transparecia um lampejo ironico.

— Conheci-te em Coimbra, na festa do teu curso. Meu irmão que nos apresentou foi gentil e caloroso: «Mariasinha, apresento-te o meu condiscipulo João Lorena, amigo de cinco anos e poeta duma geração. Breve vais ouvir a balada de que ele é autor

e que nós cantaremos como a sagração luminosa da nossa mocidade». Soubeste ser espiroso, amavel, fantasioso e terno, prendendo-me com doces laços. A tua balada entrou-me na alma, como um raio de sol no recato dum jardim conventual. Como tu sabias ser franco, sincero e—porque escondê-lo?—perdulario. Nos primeiros anos de casados, vivemos em Lisboa onde tu praticaste a advocacia e a politica, com sorte varia. Quem não gostaria de ti? As minhas proprias amigas preveniam-me:—«Tem cuidado com teu marido!». Nunca desconfiei, por me sentir feliz a teu lado, orgulhando-me dos teus exitos nas salas, no foro e no parlamento. Num camarote, ao pé do nosso, em S. Carlos, alguém segredou a teu respeito:—«O dr. João Lorena, que gasta dinheiro a ródos, tem um coração de ouro, sendo capaz de despejar a bolsa para valer a um desgraçado». Rejubilei—o meu querido marido correspondia ás minhas predilecções. Visitámos Espanha, França, Italia e outros países que me maravilharam. Que dias felizes!... Um telegrama trouxe-nos um dia a pior das noticias:—«Pai moribundo. Venham». Chegámos tarde, mas chorei as minhas maguas sobre o seu corpo gelado. Nunca a dor me trespassou com tão agudo golpe. — Querido pai, que me educaste com tanto carinho! Feitas as partilhas, assentaste ficar aqui para cuidares das terras, pois os feitores, no teu entender, não mereciam confiança. — Iremos a Lisboa, de tempos a tempos... Não cumpriste a tua promessa: enclausuraste-me neste desterro, com a ansia de aferrolhar dinheiro, mudaste de caracter, tornando-te grosseiro e insensível ao sofrimento dos humildes, despoçando-te da bondade comunicativa com que captavas tantas dedicações. Do poeta colmbrão brotou o lavrador pragueiro e insaciavel. Ninguém te estima, ao passo que o morgado das Piteiras que tu temes, por ser desinteressado e bom, tem um amigo em ricos e pobres...

— Agora compreendo o motivo por que teimaste em ir á herdade do Alvor... Desejas conquistar a opulência de que gozou teu saudoso pai? Ainda vens a tempo! Lembra-te de que a nossa fortuna é uma das maiores do distrito. Quatro mil moios de trigo! Quantas vezes milionarios...

— Nada disso me importa: o homem que eu ameí, no ardor da mocidade, transformou-se num monstro provido de tentáculos, hediondo. Acordei tarde para protestar, mas estou resolvida a subtrair-me á tua tutela. Não invoques razões para me contrariar que, pela minha dignidade de mulher, saberei manter uma attitude firme—juro-te.

— Nunca calculei que fosses tão ingrata para comigo que só vivo para ti e para os nossos filhos.

— Cala-te, por Deus! Não fales dos nossos filhos que nunca provaram os teus carinhos, se bem que adivinhem o sordido prazer que te devora.

— Estás, então, disposta a impôr a tua vontade?

— Pretendo modestamente, salvar-me, salvando-te. Supões, acaso, que o povo que labuta para nós não te avalia como mereces?... Se conseguisses contemplar-te num espelho, tal qual és, fugirias de ti com horror.

— Dá-me uns dias para pensar...

— Adeus-te que nada obterás de mim com demoras. Sei o meu dever e hei de cumpri-lo.

— Que serias capaz de fazer?

— Separar-me de ti imediatamente.

— Vou pôr as contas em ordem e depois resolverei até que ponto me convem ceder.

— A avareza reduziu-te a cinza o coração, miseravel!

JOAQUIM MANSO

A livraria Guimarães & C.^a informa as suas agencias e livrarias da provincia :-: que o livro de Armando Ferreira :-:

LISBOA SEM CAMISA

não poderá ser enviado á consignação, nem satisfeitos os seus pedidos porque se encontra exgotado na capital. Os proximos milhares a sair dentro de 15 dias.

Notas em circulação

A proposito de Samuel Butler, autor do Erewhon, escreve Valery Larboud, em La Nouvelle Revue Française, ultimo numero:

— «Ha certamente em Butler uma opposição irreductivel ao Christianismo de que deu explicações cabais no admiravel trecho intitulado «Roma e o Pantheismo» que publicou, no fim de A Evolução, outrora e hoje: declara-se pronto a aderir (por motivos historicos) á Igreja Romana se, por seu lado, a Igreja Romana lhe permitir que não creia «nos milagres de Lourdes». Mas esta opposição, realmente inconciliavel—que seria uma Religião desprovida do seu elemento sobrenatural?—não é essencial nem na obra, nem no pensamento de Butler. Deve-a á sua época; herdou-a dos Enciclopedistas; é de todos os endoutrinados da Razão-Soberana e do Livre-Exame. Percebe-se isto bem, quando, atacando o mecanismo e o materialismo de Charles Darwin e dos seus discipulos, afirma e proclama contra eles o finalismo, a eficacia suprema da Fé, e todos os elementos sobreracionais e sobrenaturais, que se recusa a admitir, assim que se trata de Christianismo».

O que se dá com Butler observa-se em muitos outros escritores, como Goethe, Renan e Taine, que se contradizem nas suas opiniões e doutrinas. Ninguém é tão conservador que não tenha uma pontinha de revolucionario, nem tão revolucionario que não conserve um arsinho de conservador.

Fialho de Almeida, como se vê pelos vinte e quatro cadernos que a Livraria Classica Editora pôs á nossa disposição, não era um improvisador: tomava apontamentos e notas não só sobre os lugares e monumentos que visitava, mas também sobre as conversas que ouvia, os casos que lhe contavam e os escandalos que transpiravam.

A' mesa do café, fazia comentarios rapidos que registava no papel. No quarto, rememorava «o seu dia» e destacava as «notas» de importancia, em apreciações incisivas—algumas vezes mordentes.

Dois aspirações acompanharam o autor dos Gatos, toda a sua vida—ser romancista e dramaturgo. Quando Teixeira Gomes publicou a sua formosa comedia Sabina Freire, agradeceu-lhe o exemplar oferecido, lastimando não ser capaz de tentar o teatro, apesar de ambicionar essa gloria literaria.

—Qual o destino do verso livre?

Esta pergunta formulada, em varias revistas estrangeiras e em varias épocas, reactualizou-se. Os poetas mostram-se agora mais inclinados á prosodia e á poetica classicas. Paul Valery, embora sem qualquer teimosia, reconhece que a poesia como certos licores não se pode beber senão por taças ou calices de lavor antigo. A metrica livre, ou como alguns lhe chamam «a anarquia silabica», presta-se á emoção, mas não á forma poetica. Ora a poesia descurada ou mal curada na forma está condenada ao insucesso.

A sr.^a D. Olga de Moraes Sarmento encontrou em Paris um quadro de Columbano, pintado em Paris em 1877 e que adquiriu. Pertence á primeira maneira do mestre, quando ele se en-saiava para as grandes telas que o

imortalizaram. Foi classificado por alguém que o examinou de «ingenuo e encantador».

Editada pela «The Viking Press», de Nova York, é posta á venda, nos Estados Unidos, no proximo d'c 25 de janeiro, a tradução de A Selva, de Ferreira de Castro que ficará assim

Helen Grace Carlisle

ou a Maternidade feita Dogma

Um dos livros que ultimamente mais sucesso tem obtido entre a gente culta, que se não preocupa apenas com os chás-mah-jong, os bridges e o polir das unhas, esquecendo conscienciosamente de polir o resto, foi, sem duvida, o livro de Helen Grace Carlisle «Mother's Cry»—O grito da Mãe, mais conhecido na tradução francesa intitulado «Chair de ma chair».

Na linguagem mais directa e mais impressionante, tal como qualquer mulher sentiria, uma mulher contarnos o seu noivado, casamento, nascimento de filhos, morte do marido e finalmente a tragedia horrorosa que é a morte pela cadeira electrica «do seu filho», da carne da sua carne.

A atmosfera do livro é de tal modo arrebatador que não logramos separar a nossa sensibilidade da da autora empolgando-nos e fazendo-nos sofrer os mesmos episodios que amarfanharam a heroína do livro.

O interesse que despertou deve-o, porém, acima de tudo, á circunstancia de vir pôr de novo em equação a novidade gritante de um assunto velho como o proprio mundo—o problema da maternidade.

Considerado sob o ponto de vista sentimental semelhante motivo parecia singularmente afastado das preocupações da humanidade contemporanea.

Numa época como a nossa em que ninguém toma a tragedia a serio, em que a familia se esfaca por expressa vontade dos seus membros, em que as leis tendem a automatizar todos os gestos do individuo, resolvendo tudo por uma especie de fatalidade estadual, em que finalmente a intervenção exterior tem sempre mais importancia que as resoluções que o homem toma no seu fóro intimo, de tal forma que as variações do Mundo podem tanto como os chamados desígnios imponderáveis da natureza, era necessario alguém que gritasse a uma humanidade esquecida de si propria, da sua finalidade sentimental e da voluptuosidade que existe por vezes no sofrimento, que é urgente regressar á espiritualidade animal que permite ás mães serem maiores que os maiores artistas; e isto, em verdade, porque criam desprezando a compreensão do que criaram, raras não se iludindo sobre o seu proprio fruto.

★ ★ ★

Profeta e animadora de um culto novo, Helen Grace Carlisle tenta persuadir-nos da excelencia da maternidade num tempo como o presente em que todas a raparigas deejariam ter... crianças sinteticas, feitas num laboratorio muito moderno, sem nenhuma maçada para elas, á semelhança do que Aldous Huxley, com tão excelente e luminoso humor anuncia para breve nessa picara visão das novas formas de civilização que é o seu curioso livro «Brave New World».

★ ★ ★

Helen Grace Carlisle só encontrou excelencias no casamento. Excepção feita das obrigações fisiologicas que essa condição acarreta.

Tudo lhe pareceu delicioso. Isto nos pode explicar—tão sabido é que o homem aparece á mulher sobretudo homem quando a possuiu, perdendo nessa ocasião para ela a prestigio infantil que a conquistara (1)—a razão

com duas edições em lingua inglesa—a de Londres e a de Nova York.

Freyre Côte Real publicou um romance com o seguinte titulo—Um escultor de almas de que brevemente se ocupará o nosso critico. Está escrito com largueza, abarcando um conflito

em que se chocam almas e se jogam destinos.

Em Chicago, um jovem escultor chamado Harriman enamorou-se duma linda rapariga, duma beleza imple e clara, elegante, fina e inteligente.

—E's um primor, minha querida! Custa-me que eu seja pobre e tu: pauperrima...

—Em todo o caso, podemos ser felizes, habituando-nos a uma vida modesta.

—Não é por mim, mas por ti, pois acho que não tenho direito a sujeitar-te a privações.

—Com amor ao trabalho e confiança na sorte, tu has de vencer e eu vencer-ei contigo...

Casaram-se e, apesar de sacrificios que suportaram com valentia, viveram felizes. Um dia, o azar cansou-se de os perseguir, e Harriman obteve o primeiro premio num concurso muito disputado e concorrido.

—Dez mil dolares! Esta soma himalaica desnorteou-o, criando-lhe desejos insanos. Gastou até ficar de novo na pobreza.

—Vês, não tens jeito para poupar dinheiro, visto não o saberes gastar—disse-lhe a mulher.

—Então que hei de fazer?

—Trabalhar depressa e gastar devagar.

Erasmus que foi um europeu da Renascença, o pensamento e a curiosidade mais dispertos da sua época, detestava a prisão das fronteiras: o seu maior empenho foi andar de terra em terra, de cidade em cidade, á busca de bibliotecas, de manuscritos preciosos e de tipografias afamadas.

Quando visitou a Italia, depois de conseguir, com aprazimento do papa, vestir-se como um secular, dirigiu-se para Veneza onde Aldo Manuzio, o grande editor italiano, presidia ao movimento humanista. Foi nesta cidade que conheceu Lascaris e Aleandro, helenistas famosos, porventura superiores a Bombasius que ensinava em Bolonha. O seu espirito flutuava em plena antiguidade: a letra impressa era para ele tudo, muito acima da pintura, da escultura e da arquitectura. Erasmus, á maneira de Lutero, apreciava os prazeres da mesa, comendo e bebendo copiosamente. Uma vez, Manuzio repreendeu-o:

—Comes e bebes como Hercules. Cuidado não mates a alma com os vapores do vinho.

—Não te apoquentes, amigo que só faço isso três vezes por semana, quedando-me ainda quatro dias para me penitenciar.

Quando ensinou teologia em Cambridge, o seu amigo Thomaz Morus apresentou-o a personalidades notaveis, cobrindo-o de louvores. Erasmus, fingindo-se modesto, respondia-lhe:

—Por mais que me elogies não acrescentas um palmo ás minhas pobres ambições de estudioso.

ALVES DE AZEVEDO

ALICE OGANDO

As meninas dos meus olhos

5 primorosos contos, ilustrados com 10 gravuras — 1 volume 6\$00

A' venda em todas as livrarias

LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.^a

68, R. DO MUNDO, 70 — LISBOA

VERSOS DOS ULTIMOS LIVROS

Corações de Filigrana

Já se referiu o Diário de Lisboa, em artigo de fundo, a um precioso livro de versos que acaba de aparecer assinado por Denis de Riba-Douro, pseudónimo evidente, que nos dizem encobrir o verdadeiro nome duma jovem portuguesa. Poeta, é o autor do livro com certeza, tão brandas e cuidadas são as ruínas, tão fluente a cadência: portuguesíssima da redondilha maior. A graça emotiva que todo o livro revela (só não gostamos do soneto, que está nele sem razão) avalia-se bem nestes poemas que transcrevemos, com a devida vénia. Tem um certo «sabor antigo» que lhes dá carácter, sem prejudicar a frescura da inspiração.

BOM SENSO E RAZÃO

Gabam-se as outras nações,
E também, para os meus lados,
Tem sempre dois corações
Cada par de namorados.

Diz-se: — Lá fora! Lá fora!...
Que me importa o que lá está?
Aqui também se namora,
E benza melhor do que lá.

No lugar onde eu nasci,
Há quem fale a mais de cem!
Nunca por 1.º conheci
Quem não falasse a ninguém.

Que é pecado? Que é pecado!...
Mais pecado é querer mal.
Quem não tiver namorado,
Anda em pecado mortal.

Terra linda... Terra feia...
Já corri o mundo inteiro,
E é só cá na minha aldeia
Que ninguém morre solteiro.

A terra onde se fizeram
Mais baptizados, mais bodas,
De quantas terras houverem,
É a mais bonita de todas.

Quem não pensar como eu penso,
Quem fôr doutra opinião,
Se lhe não falta bom senso,
Falta-lhe estar na razão.

SEGREDOS

Contar a alguém, em segredo,
Aquilo que a gente sente,
É contá-lo a toda a gente!

Vossos segredos de amor
Tanto em segredo os guardastes!
Ditoso da minha dor,
Sempre a mim os ocultastes.
Mas em segredo os contastes
Ao vosso leal confidente,
Que os contou a toda a gente!

E assim foi que os aprendi...
Segredos? Que quem os tem
Os guarde só para si,
Que nunca os diga a ninguém.
Ir contar, contar a alguém,
Aquilo que a gente sente,
É contá-lo a toda a gente!

SENHOR MENINO

Vós cresceis, cresceis,
Num crescer sem tino!
Nesse desatino,
Envelhecereis...
Meu senhor menino
Vêde o que fazeis!...

Ereis pequenino
Como o meu destino,
E já sois maior
Do que o vosso amor!

Ai, senhor menino!
Menino e senhor!

RETRATO

O meu amado é trigueiro
Como o linho por corar!
O cabelo, é todo às ondas,
Como as ondas que há no mar...
Os olhos, dois sois nascentes,
Que sabem rir e chorar...
Os dentes, dá-me vontade
De enfiá-los num colar...

A boca do meu amado
Apetece-i-la, beijar...
E tem a alma mais branca
Do que as noites de luar...
E um coração pequenino,
Que êle tem, para me dar...

O meu amado é mais lindo
Que as caravelas no mar!...

VULTOS DE VULTO

nas Letras, Ciências e Artes



PROFESSOR FRANCISCO GENTIL

Traz na voz a musica quasi em surdina de quem vai dizer baixinho ao enfermo que põe nele os olhos febris:

—Levanta-te e anda!

Basta, porém, que um ruído indiscreto, o arrastar brusco dum movel, a passagem zumbidora duma mosca ou a imprevidencia dum enfermeiro quebre o tom monodico da suave confidencia, para que ele abra os olhos com imperio e fulmine os perturbadores do silencio cirurgico. Já houve quem pensasse:

—O professor Gentil é o ditador do bisturi.

Que seria do operado, se o operador,

na hora em que o destino pesa as vidas com severidade, não se impuzesse autoritariamente. Assim que pressente que o perigo se afasta e que a esperança se inclina para reanimar um rosto desfalecido, sorri satisfeito, desanuviado, pensando consigo mesmo:

—Enfim, a morte perdeu a partida!

O Instituto do Cancro é obra sua—uma obra que custou a levantar, a arrancar á incompreensão de quantos servem a rotina, julgando que concorrem para o bem da humanidade. Está de pé, assente em bases solidas e testemunhará, perante os vindouros, que a Ciencia progride, quando a impele em nobre ideal.

—Mas ha cancerosos que a doença deita a terra impiedosamente...

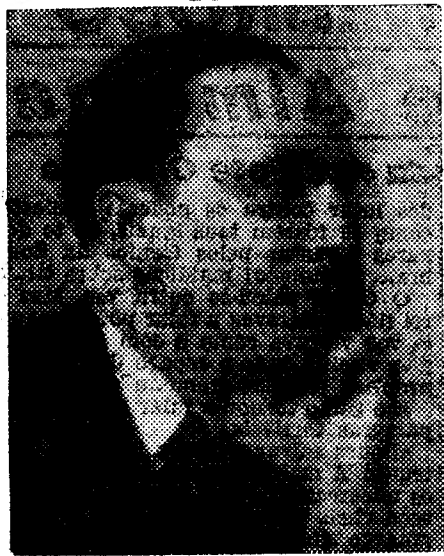
É certo: na luta contra o mal o inimigo nunca mostra o rosto. A covardia e a traição são as suas armas mortais. Que longas e penosas vigílias para o dessemboscar! Um dia, porém...

Então, o professor Gentil e os seus colaboradores poderão exclaimar:

—Morreste no pus em que te formaste! Antes disso, a Dôr humana, como o soldado ferido, que volta a si no meio dos mortos, seus companheiros na refrega, dirá para os leitos gementes e soluçantes:

—Ha mortos? Sinal é de que a vitoria custa caro...

Dez minutos com



João Ameal

João Ameal é um aristocrata intelectual. Faz fogo com as suas idéas e com as suas imagens. Se aquelas, como ele diz, se afastam da política, para se integrarem no campo espiritual, até mesmo filosófico, as outras, que nos interessam mais, revelam um escritor seguro da sua personalidade, elegante na crítica, ritmico no dizer, audacioso sem excesso, num estecticismo puro do melhor modelo. Entre os prémios, recentemente conferidos pelo Secretariado de Propaganda figura o seu livro — *No Limiar da Idade Nova*. Qual o seu pensamento? O que pretende o autor atingir ou destruir? João Ameal, á sua secretária, entre um perfil do dr. Oliveira Salazar e uma crónica do «Diário de Notícias» já esboçada, diz-nos das suas intenções. Conversa sem responsabilidades, de resto rápida como a rubrica de secção imperativamente obriga.

—No *Limiar da Idade Nova* contem três ensaios, com unidade, em que estudo as três ameaças principais que pairam sobre a civilização ocidental. O primeiro diz respeito ao comunismo; o segundo é uma análise do materialismo americano; e, finalmente, o terceiro é uma crítica a um livro de Tagore, onde este define as suas idéias sobre o nacionalismo ocidental.

—Põe o problema?

—Ponho. Discordo de Tagore. Quanto a mim o nacionalismo ocidental tem uma base espiritual, embora diferente, dentro de outra tradição... Em síntese: Parece-me que, no momento em que desabam varios conceitos da vida e do espirito, ha que fazer qualquer coisa de novo.

—O quê?

—Uma revolução espiritual, embora condicionada ao problema político e social, tendendo á libertação da pessoa humana.

—Abandonemos a politica, quer Ameal?

—Engana-se. O meu livro não é politico. Chame-lhe antes, se quer ser amavel, ou por outra, justo, um texto espiritual, indo mais longe filosofico.

—E o que nos diz agora o escritor, o romancista?

—Que tenho no prelo a segunda edição, das *Aparições*, serie de contos, e já pronto um romance, que reputo interessante, da vida literaria e jornalística de Lisboa. Chama-se: *O Grande Homem*. Além disto, uma nova trilogia de ensaios: *Disciplina do Espirito*, e um panorama da literatura portuguesa contemporanea, de colaboração com o prof. Hourcade, para ser editado em Paris.

—Como trabalha?

—Em Lisboa, difficilmente. Refugio-me na provincia. Lá, sim. Tenho tempo para meditar os meus ensaios e escrever, como quero, as minhas obras de imaginação. Estas ultimas crio-as, com instantaneidade, procurando sempre apurar-lhes o estilo, dentro duma maior harmonia de expressão.

Uma ultima pergunta:

—A sua maior admiração literaria?

—As minhas preferencias são muitas. Tenho-as em quasi todas as literaturas. Mas ha uma que me guia: S. Thomaz de Aquino.

—... um taumaturgo já passadista. Ameal perscrute a ironia e riposta, com um ligeiro sorriso:

—Não diga isso! E' o mais actual dos doutrinarios!...

ELEGIA ALENTEJANA

Sonetos de MARIO BEIRAO

Mario Beirão é de Beja, mas, na sua sensibilidade, Beja é quasi o universo. O seu lirismo tem a profundidade das magoas, que são a expressão das coisas, e das coisas que vivem eternamente. O ritmo dos seus poemas — lento, largo e dolente — recorda o sussurro duma saudade que se esconde em perpetua clausura.

O amor transfigura-se, no coração pulcro da sua mûsa: é o instante religioso da comunhão no misterio, á face de Deus. Em todos os seus livros, a figura nostalgica do ultimo lusiada caminha apoiada ao bordão de peregrino: a Patria dealba-se na austera pureza do seu vulto, sob a sombra inviolada do santuario.

Quando na vastidão da planicie alentejana — á hora pungente e profetica do sol-posto — ele contempla a dissipação das formas, que a noite vai sorver, eis que uma voz se faz ouvir no seu intimo:

— Poeta, toma nas tuas mãos o mundo que perece e coloca-o bem alto, entre as estrelas!

M.

I

Quem és,—alado ser, que me visitas,
Quando a tarde, esfumando-se, agoniza,
E anseia, no ar, qual sôlta voz de brisa,
Um canto de saudades infinitas?

Quem és,—piedosa imagem, que me fitas,
Sombra, por entre as sombras, indecisa,
E cujo olhar tão lânguido suavisa
Do meu delirio as orações aflitas?

E, com bênçãos e gestos de pureza.
Unges de aromas, leve, de mansinho,
A carne em vivas chagas sempre acesa...

E, oh milagre dulcissimo do Amor,
Minha alma, sob a luz do teu carinho,
Abre, na escuridão, como ignea flor!

II

Um ténue, fino aroma se insinua
Por entre as sombras desta noite funda,
E o alvor duma saudade vagabunda
Acorda e, em nossas lágrimas, flutua!

Eis que o pertume, religioso, actua
Sobre as chagas da carne moribunda;
Como um perdão, da sua graça inunda
Este Destêrro, á lividez da lua!

Donde emana o perfume sacrosanto,
Que nos vem ensinar a bem-morrer
Pela influência sem fim do seu encanto?

Da flor que nos sorriu em certo instante?
Dum sonho que, nos céus, andou errante
E se perdeu na luz do entardecer?

III

Oh, a alegria em frêmitos da luz,
Visitando a minha alma enoitecida:
Parece que resplande pela Vida
Um novo olhar mais doce de Jesus!

Aqui, neste Destêrro, onde supus
Morrer sem glória, — carne envilecida,
Fez-se uma aurora ideal, desconhecida,
Que, sorrindo e cantando, me seduz!

Oh meu Senhor, oh suave Potestade,
Deixa que eu seja ainda mais ditoso
Na clara beatitude que me invade:

Deixa que o lume que em meus olhos sinto
Se reflecta nas almas sem repouso
Dos que erram num escuro labirinto!

IV

Ao longo desta fria cela nua,
Onde assisto ao dobrar dos dias lentos,
E onde o mar dos meus soltos pensamentos,
Altas horas, delira e tumultua;

Um saudoso perfume se insinua,
Como a espargir doçuras de óleos bentos:
E eu desperto a sorrir... E, por momentos,
À flor das sombras, um luar flutua!

Perfume que serenar os sentidos,
Livras do Mal e cala os gemidos,
Em ti aspiro místicas lembranças:

Lembranças doutros céus, duma outra vida.
De áureas tardes de Amor, (tardinhas mansas...),
Das roseiras da Terra Prometida!

V

Rescende a tarde, como flor aberta
Por dedos de Anjos, no Eter sublimado.
E um cântico longinquo do Passado
Em nossas almas, a tremer desperta!

Hora de Iniciação! A Graça oferta
O seu óleo purissimo, sagrado,
Aquele que, negando o vil Pecado,
Da Vida e de si mesmo se liberta!

No adeus da tarde místico, sem fim,
Saudosa voz, que as naves extasia,
A desfazer-se em ais, chama por mim

E uma luz de Perdão, bemdita luz,
Sorrindo aos que deliram na agonia,
Flui dos olhos serenos de Jesus!

VI

Magoada, a luz da tarde, que declina,
Fata ao meu coração; reza baixinho...
(Sorrindo a Cristo, á beira dum caminho,
O Amor desvela a face peregrina!)

Oh, o encanto da graça vespertina,
Doirando a sôlta vaga em desalinho,
Doirando as asas em redor do ninho
E a palavra do Poeta, sibilina!

Dilui-se a tarde, como um fumo de almas,
E o seu espirito ascende alegre e triste,
A glória eterna, a Deus,—por entre palmas!

E eu espero Alguém! Minha saudade espera
Aquela Forma ideal, que, ao longe, existe,
Em outra luz, em outra Primavera!

VII

Na tarde que se perde em fumo brando,
Triste na sua graça de donzela,
Dos nossos altos sonhos se revela
A estranha luz, incerta, delirando...

E despontam, ao largo, rebrilhando,
Miragens duma vida sempre bela:
A pouco e pouco, o Espaço se constela
Das quimeras que andamos fabricando!

Morre a tarde na flébil melodia
Da voz do rouxinol! Uma elegia
Envolve as almas num lutuoso véu...

E, quais sombras de acerbo desengano,
Os sonhos vão do pensamento humano
Turbam de mágoa a limpidez do Céu!

VIII

Oh, como é triste a senda vã que eu piso,
Húmida ainda de despeitos prantos;
Senda escura, assaltada por espantos,
Que se perde nas sombras do Indeciso!

Pudesse eu transformar em Paraíso
Este agro, pavoroso em seus recantos,
E dar á Vida místicos encantos,
O êxtase e a luz dum perenal sorriso!

Mas um dia há de vir (diz-mo a certeza
Da minha fé num sonho redentor.)
Em que tudo será no eterno Amor!

E a argila humana, em lágrimas acesa,
E a estéril fraga — a um sópro de Pureza,
Miraculosamente darão flor!

Mario Beirão

(De "A Noite Humana".)

LETRAS CONTEMPORANEAS

Do livro "NO MAR TENEBROSO" de Virginia de Castro e Almeida

transcreve-se a Lenda das Sete Cidades



VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

Naquela tarde, Pedro mandou trazer grandes cadeiras de vimes para defronte de casa, de cor de rosa. O ar conservava-se morno, apesar de ser já sol posto. Excepcionalmente não havia nuvens no céu, e a lua cheia, lutando ainda contra o resto de claridade do dia, envolvia todas as coisas na sua luz criadora de misterio.

O repuxo da fonte de pedra repetia sem fim a sua canção sussurrada.

O «contador de historias» estava defronte de nós; a luz que vinha da casa por uma porta aberta dava-lhe em chelo no belo rosto barbeado, expressivo, solene.

«Joaquim», disse Pedro. «Toda a gente sabe que, para contar, não ha muitos como tu. Estes senhores querem ouvir a historia das Sete Cidades. Foi para isso que te mandei chamar».

«Se tal é a vontade de V. Ex.ª, estou ás ordens. Mas estes senhores têm educação de mais para acharem gosto em ouvir as falas de um cavador da terra».

Pedro voltou-se para nós rindo: «Ele faz sempre estes discursos... E' o costume».

Com licença de V. Ex.ª, tornou Joaquim, «o que eu disse não pode ser costume porque não estou acostumado a falar diante de pessoas tão importantes».

«Perdeu-se aqui um diplomata», disse José em francês.

«O que eu te garanto», respondeu Pedro na mesma lingua, «é que não lhe falta intelligencia. E verás a lingua-gem que emprega».

Neste momento ouviu-se do lado da casa, da sombra, um sussurro de vozes baixas e de risos abafados.

«Venham, venham cá...» gritou Pedro. «Para que se não de esconder?»

Sentimos pessoas que se aproximavam; e um grupo de gente entrou no rectângulo de luz que se estendia defronte da porta. Eram as criadas, o «chauffeur» e os outros jardineiros. Tinham-se amontoado num recanto de sombra para escutarem a historia que Joaquim ia contar.

«Olhem para estes patetas!» disse Pedro a rir. «Joaquim conta-lhes historias todos os sabados ao serão, mas nunca se fartam. E logo que o mando chamar, acodem que nem moscas quando se destapa um pote de mel. Vá, vá... Sentem-se e oçam a vontade. Senta-te tambem, Joaquim, e começa lá a tua historia».

Lá se acomodaram todos nos degraus da escada de pedra que subia para o terraço. E todos diziam antes de se sentarem:

«Muito obrigado a V. Ex.ª. Com sua licença».

Joaquim sentou-se numa cadeira defronte de nós, repetindo:

«Com sua licença».

E, começou gravemente:

Ha muito tempo... ha tanto tempo, que as centenas de anos que se passaram depois disto, não têm conta. O mar que rodeia estas ilhas não existia, porque, no seu lugar, havia um reino imenso. Os homens e os animais não eram os unicos habitantes dessa grande terra; tambem lá viviam criaturas mais poderosas do que os homens e que a morte não podia derrubar: eram os Genios do Bem e os Genios do Mal.

Um rei governava tudo aquilo; chamava suas terras tamanhas que ninguém lhes conhecia as extremas; e ninguém sabia quantos povos estavam debaixo do seu mando. A sua riqueza e o seu poder passavam muito daquilo

Poucas escritoras portuguesas—e bem poucos escritores—têm exercido no mundo das letras portuguesas contemporaneas tão grande e tão benéfica influencia como D. Virginia de Castro e Almeida. Todos nós, os que hoje já somos crescidos, nós lembramos ainda das tão agradaveis e ao mesmo tempo tão proveitosas lições—de moral, de historia, de geografia, de arte, de ciencia—que nos ministrava, com doce vez, (as letras impressas tambem têm voz) na «Fada Tentadora», no «Ceu Aberto», no «Em Pleno Azul», nas «Lições de André». Os miudos de hoje tambem encontram nesses mesmos livros, que não envelheceram, por milagre de gosto e de medida, o mesmo prazer são que neles encontramos—e noutros que a sua fertilidade continua a produzir: «Pela terra e pelo ar», «Geografia», «Historias».

Outra lição bem util trazem os seus livros, dum notavel ecletismo; e essa aproveita a grandes e pequenos: a limpidez do estilo, a correcção da lingua em que os escreve.

Vivendo habitualmente em Paris, D. Virginia de Castro e Almeida tem conservado integras as tradições de escritora portuguesa ligadas á sua carreira literaria e ao seu nome. Romancista, os portugueses de Portugal têm a certeza de encontrar nos seus romances as mais elevadas intenções—e a melhor gramática. O seu triptico «Terra Bendita», «Trabalho bendito», «Capital bendito»—é um modelo de forma e de doutrina. Animadora incansavel, a D. Virginia de Castro e Almeida se devem alguns dos primeiros e dos melhores filmes portugueses: «Os Olhos da Alma» e «A Sereia de Pedra», que ainda têm a honra de passar frequentemente nas salas de vanguarda de Paris.

«No Mar Tenebroso», seu ultimo livro, reuniu as impressões colhidas durante a viagem aos arquipelagos da Madeira e dos Açores. Dificilmente se encontraria mais culto e mais interessante «cicerone».

Parece-nos que não podemos fazer-lhe maior elogio do que dizer que ler o seu livro—é viajar. *

que a gente pode imaginar, porque as maiores riquezas e o maior poder de que o homem se pode gabar nestes dias, não são senão poeira e fumo comparados com as coisas de que estou falando.

O nome desse rei era Branco Pardo. Todos os que ele governava o adoravam e tinham presunção nele, porque nunca existiu no mundo uma intelligencia e um saber tamanhos, nem um coração melhor, nem uma beleza mais perfeita.

Mas este rei tão bom, tão poderoso, tão belo e tão amado que parecia um deus... não era mais do que um homem. E o que é um homem quando a sorte o carrega com todos os bens da terra? E' um campo de batalha onde os Genios do Mal na sua luta contra os Genios do Bem têm todas as occasiões de vencer. Quando Branco Pardo chegou ao mais alto da sua gloria e do seu poder, os Genios do Mal começaram a tentá-lo.

«Posso tudo», dizia o rei. «Não ha empecilhos á minha vontade. Sou mais que os outros homens. Os proprios Poderes Celestes me recebem e me admiram». Branca Rosa, a rainha, boa e linda como uma santa, tremia ao ouvir o marido falar daquele modo.

«Cala-te meu amor», dizia ela. «Pois não sabes como as palavras são perigosas? Como te atreves a ofender a Deus assim?»

Uma vez o orgulho do rei levou-o a dizer tais coisas que até seria pecado repeti-las. A rainha atirou-se de joelhos diante dele, a chorar, e pediu-lhe numa grande aflicção, que não se deixasse assim arrastar pela sua soberba. Como queria muito á rainha, Branco Pardo apouquentou-se de a ver tão triste e assustada e prometeu emendar-se, e não tornar a dizer tais coisas se ela lhe desse um herdeiro, pois não tinham ainda filhos.

Passou-se algum tempo.

Uma noite de primavera sombria e serena, o rei e a rainha mandaram deitar todos os cortesãos e toda a criadagem e foram sentar-se, os dois sózinhos, num grande terraço todo florido que havia no topo do palácio. O ar estava perfumado e morno e á roda deles tudo se conservava tão calado que até se ouvia o vôo dos morcegos.

De repente, por cima das suas cabeças, um grande clarão iluminou o céu e o grande genio das virtudes appareceu em toda a sua gloria. Os cabelos eram de ouro fino, a tunica feita de luz; e o rei e a rainha não puderam suportar o esplendor do seu olhar.

Com a ponta de uma das asas que parecia atravessar o céu inteiro, tocou na testa da rainha; e no ar inquieto e calado, a sua voz ressoou como as notas de uma musica celeste.

«Branca Rosa, vais ter uma filha que será mais linda que as estrelas, e ajuizada e sujeita como nenhuma outra mulher o foi na terra».

E, falando ao rei, disse assim:

«Mas tu, escuta-me bem, homem cego e teimoso na doideira da tua sober-

ba! Vou tirar-te a tua filha logo depois de nascida e não tornarás a vê-la senão quando ele tiver vinte anos. Nenhum homem descansará os olhos na sua beleza até ao dia em que ela tenha esta idade. Construirei sobre uma das mais altas montanhas do teu reino, no sitio mais lindo da terra, sete cidades de marmore e de marfim. Em cada dia da semana a princesa habitará uma destas cidades em palacios de ouro puro cravejados de pedrarias. E em volta destas cidades levantarei uma muralha de bronze tão espessa e tão alta que nem mesmo o pensamento humano a poderá transpor».

O rei ia responder, mas o Genio continuou:

«Dou-te assim maneira de te curares da tua paixão da soberba. Porque nada te impedirá de ires ver a tua filha antes do tempo marcado; «nada senão a tua propria vontade». Um golpe da tua espada abrirá a muralha de bronze. Mas... escuta-me, escuta-me: Se tiveres bastante força sobre ti mesmo para respeitares durante vinte anos as ordens que hoje te dou, se o teu poder sobre a tua alma for bastante grande para poderes entender quanto a grandesa dos emissarios de Deus é maior que a tua, se durante vinte anos aprenderes a conhecer o que és: apenas um homem que ainda tem muito que caminhar antes de alcançar a perfeição,—então e só então serás digno do lugar que occupas. Senão... se te atreveres a desobedecer as minhas ordens, se pensares que po-

des lutar contra os poderes Celestes como se fosses teus iguais, se te deixares arrastar pelos Genios da Sombra... maldição! maldição sobre ti!»

O Genio calou-se outra vez. Mas o rei não se atreveu a falar porque aquella voz vibrava como o som de um orgão, enchia todo o espaço do céu e as proprias estrelas tremiam de espanto.

E o genio tornou a falar e disse estas palavras terríveis.

«Podes salvar o teu reino ou destrui-lo. A maldade dos homens sacudiu os alicerces da terra. Tens nas mãos a taça cheia até ás bordas com o vinho amargo dessa maldade. Se lhe deitares mais uma gota, a gota envenenada do teu orgulho, a taça transbordará. Acautela-te homem insensato!»

O rei e a rainha tinham caído em terra com a cara escondida nas mãos. O chão estremecia; um grande relampago atravessou o céu sem nuvens e o ar foi rasgado por um trovão tamanho que ninguém ouvira jamais outro igual.

«Jesus senhor!...» suspirou uma voz tremula lá na escada.

«Cala a boca!» resmungou outra voz em tom premtorio. «Não tens vergonha?» restabeleceu-se o silencio e Joaquim, impassivel, continuou:

Quando o rei e a rainha voltaram a si acordando daquele desmaio, foi já ao romper de alva.

Ao cabo de alguns meses a rainha deu á luz uma menina tão linda que nem parecia pertencer á terra. Deram-lhe o nome de Verde Azul e o seu nascimento foi celebrado em todo o reino com grandes festas. Mas logo no dia seguinte desapareceu.

Durante muitos anos tudo correu bem. Branco Pardo sijeitava-se com respeito ás ordens celestes e parecia curado da sua soberba; e a rainha Rosa toda contente, não se fartava de dar graças a Deus.

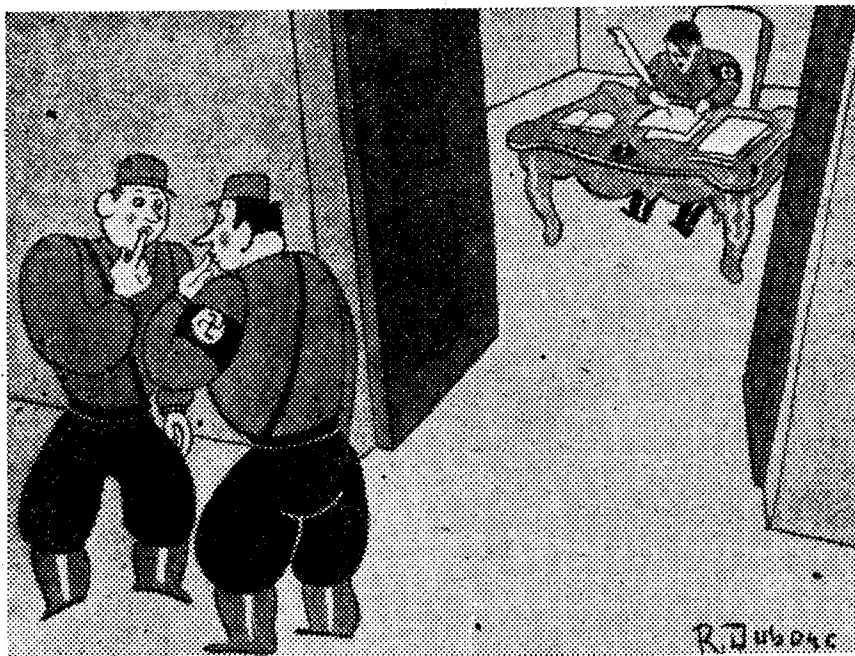
A princesa Verde Azul lá vivia nas sete cidades de marmore e de marfim, que o grande Genio construiu sobre a montanha mais alta do reino, no sitio mais lindo da terra. A perfeição do seu corpo e da sua alma aumentava sempre de tal maneira, que não havia palavras na lingua dos homens para descrever a sua beleza e as suas virtudes.

Entretanto o Genio do Mal atormentava-se. Via que o Genio das Virtudes o ia vencer. Então escolheu, entre os seus servidores, os Genios sombrios os mais espertos e habilidosos e encarregou-os de irem tentar o rei.

Estes Genios começaram a rondar

(Ver continuação na pagina seguinte)

O «Meu Combate» correcto e aumentado



— Caluda, que o patrão prepara-se para abichar o Premio Nobel da Paz 1935!...

O PANORAMA LITERARIO PORTUGUES

Luís da Câmara Reis

responde ao nosso inquerito

acêrca das novas tendências literárias

—Quais as características da actual literatura portuguesa?

—Uma das características da actual literatura portuguesa parece-me ser uma melancolia, um pessimismo desolador, sobretudo no romance. Aquilino Ribeiro, pessoalmente tão exuberante e optimista é em livros sombrios, dum realismo confrangedor, que melhor patenteia o seu talento.

—Um exemplo.

—As «Terras do Demo», especie de jardim zoológico sem grades, e no «Malhadinhas». Ferreira de Castro, na «Selva», reproduz um quadro cruel de escravatura economica, e na «Eternidade» a angustia metafisica, o horror da morte.

Apontando mais exemplos:

—Rodrigues Migueis, em «Uma Pascoa feliz», compraz-se numa arte de tonalidades sombrias. Manuel Ribeiro procurou um refugio no misticismo. Gaspar Simões e José Régio, de faculdades criticas tão aceradas, e este ultimo grande poeta da mais pulcra inspiração, desperdiçam observação e estilo, numa galeria de tipos estranhos, complicados, perversos, jogados das mais delicadas subtilidades psicologicas ás guinadas imprevisas duma criminalidade repugnante.

—No fundo, é a força dramatica do nosso temperamento.

—Cito estes autores, sem pretender mais que uma exemplificação. Repare na variedade de temperamentos que tais autores revelam. A nossa velha pecha de «biliosos melancolicos», que nos assegurou, dos cancioneiros medievais até hoje, uma grande poesia lirica ininterrupta (mesmo no seculo XVIII), poderá talvez ajudar a explicar esta tristeza depressiva, a que se juntou a razoiira da Grande Guerra e da epoca subsequente.

—«Renascença Portuguesa», «Seara Nova», «Presença»?

Para analisar a figura literaria de Camara Reis ha, necessariamente, que objectivar a Seara Nova, grupo intelectual surgido em plena dissidencia republicana, no qual, entre outros, enfileiraram Antonio Sergio, Raul Proença, Jaime Cortezão, Ezequiel de Campos e Quirino de Jesus, os dois ultimos, afastados depois mercê de varias circunstancias. Que representa a Seara Nova, no panorama do pensamento português? Sob o aspecto politico esse grupo marcando uma posição isolada dos partidos republicanos, ostensiva de combate, constituiu, durante alguns anos, uma guarda avançada da democracia, sem infiltrações de internacionalismo, mas larga de horizontes, com tendencias francamente sociais, inspirando-se em tudo nas suas atitudes e doutrinas da evolução das modernas correntes do pensamento politico. E' inegavel que a Seara Nova, força contraria ao integralismo luzitano, constituída talvez como contraste de equilibrio, congregou a sua volta um largo movimento de simpatia, que ainda hoje perdura. Os «seareiros», apesar de entrarem na politica pelo limiar das letras, não sofrem de idealismo, no que a palavra possa comportar de vago e de inconcreto.

Pugnando por uma reforma de costumes e apresentando, nas paginas da sua revista, soluções efficientes para muitos problemas momentosos — a sua tecnica politica teve um momento de imminente realização. Circunstancias varias dispersaram os «seareiros». No entanto, a sua escola, de que é porta voz a revista, mantém-se, com dignidade, continuando a seguir a trajectoria inicial. A Camara Reis, professor de notaveis qualidades e critico desassombrado, se deve mais do que a qualquer outro, a unidade da interessante falange renovadora. A sua resposta aos nossos quesitos está dentro do seu temperamento. Marca, pelo menos, a posição dum franco atirador, que não se rende e sabe gastar, com pericia, os seus cartuchos... Entre as suas obras de formalismo e de critica, algumas notaveis de análise, preocupadas de verdade, exigindo-a mesmo com veemencia de polemista, destacamos Aspectos da Literatura Portuguesa. Trata-se dum ensaio onde a invulgar cultura do autor constantemente se manifesta em paginas de observação limpida, animadas daquela veemencia que é, talvez, a principal modalidade, digamos mesmo a exoressão dos espiritos como o dele rebeldes, se não inimigos de todas as convenções e preconceitos de ordem moral e espiritual. E dito isto damos a palavra ao nosso entrevistado, que usa desta tribuna em plena liberdade e responsabilidade.

—Estes três importantes agrupamentos de homens e de ideias parece-me terem tido e terem ainda, apesar de tão-dispares na apparencia, uma feição comum: o idealismo anti-academico.

—Quais as características da actividade literaria de cada grupo?

—Na «Renascença» puderam juntar-se os espiritos antagonicos de Antonio Sergio e Teixeira de Pascoais. Que pode haver de comum entre um

doutrinário da «Seara» e um esteta e criticista da «Presença»? O horror do academismo, da literatura official, do estilo estereotipado, do lugar comum literario, do mercantilismo na arte. Estas três agremiaçãoes de espiritos sinceros representam aquela corrente profunda e quasi oculta, o velo fecundo que, fóra das academias e das tertulias enfatuadas, asseguram a uma epoca a sobrevivencia, nas gerações seguintes, dum patrimonio de espiritualidade impercível.



LUIZ DA CAMARA REIS

Ha uma pausa. Depois Camara Reis traça um paralelo:

—Repare você: quando os livros de Eça eram «monos de livraria», os adolescentes e damas lacrimosas, a grande maioria leidora, mediana e mediocre, debruçavam-se em chusma, sobre as «Tristezas á beira-mar»; quando Antero publicou «Os Sonetos», olhavam com estranheza assustada esse grande nordico de olhos suaves e sonhadores e liam ou recitavam-se, nos salões e nos teatros, os poemets dos Vidais e dos Palmeirins. E duvida você de que de aqui a cem anos se leiam as melhores paginas, por exemplo, de dois grandes mortos nada populares, Antonio Patricio e Raul Brandão?

—Pode definir-se uma escola?

—Julgo bem que não. Ha epocas em que é relativamente facil definir grandes correntes, escolas nitidamente demarcadas. Hoje, porém, parece-me isso muito difficil.

—Porquê?

—Julgo quasi absurdo tentar enquadrar-nos dentro duma formula. Lembra-me aquella deixa humoristica duma personagem da «Santa Joana» de Shaw:—Nós outros, homens da idade-media...

(Continuação da pagina anterior)

em volta de Branco Pardo enquanto ele dormia e por fim não o largaram nem de dia nem de noite. Andavam sempre á roda dele e não lhe deixavam um instante de sossego. Traziam-lhe noticias das Sete Cidades e descreviam-lhe a princesa e toda a sua perfeição.

«Tu és igual a Deus», diziam-lhe eles. «Nunca houve outro homem que gerasse uma criatura tão maravilhosa».

Branco Pardo perdeu o sossego e a alegria; tornou-se irritavel, enristeceu. E os anos foram passando.

«Como tu és fraco!» diziam os Genios do Mal ao rei. «Como és medroso! Deixas-te intrujar pelas palavras ócas do Genio das Virtudes. Pois não vês que ele só quer obrigar-te á sujeição, e levantar extremos ao teu poder? O que ele tem é inveja de ti. Mas tu és igual a ele. Ele tem o ceu e tu tens a terra. Ninguém conhece as fronteiras do teu reino e conquistaste o coração dos homens. O Genio das Virtudes não pode nada contra ti».

O rei lutou ainda algum tempo. Mas o seu genio azedava-se; zangava-se por tudo; andava sempre descontente. Já não escutava a rainha.

Havia já dezoito anos que a princesa Verde Azul vivia nas Sete Cidades.

A rainha dizia ao rei, a medo, porque temia a sua colera:

«Esperaste tanto tempo!... Mais dois anos só! Dois anos é tão pouco tempo!...»

Mas os Genios Sombrios encarnavam-se e tentavam o rei:

«Sim... dois anos é pouco tempo. Mas deixá-los passar é assinares para sempre a tua sujeição... tu que nunca te sujeitaste a ninguém, tu que és igual aos poderes celestes!...»

“NO MAR TENEBROSO,” de Virginia de Castro e Almeida

E finalmente um dia ao romper da manhã, com um acompanhamento de pouca gente, mas magnifico, de grandes fidalgos e guerreiros, o rei partiu. Branca Rosa chorou e implorou, mas ele não fez caso da sua supplica nem das suas lagrimas.

O rei seguiu o seu caminho rodeado pelo seu sequito, durante muitos dias e muitas noites. O vento gemia na ramaria das arvores e levantava nuvens de pó tão espessas que a propria terra parecia impedir a passagem do rei. Depois vieram tempestades e chuvas torrenciais como se toda a agua do ceu quizesse inundar a terra. Nuvens negras e tenebrosas, nevoeiros, escondiam o sol. Mas todos estes sinais funestos que espalhavam o terror entre os companheiros do rei, em vez de o deterem, serviam apenas para exasperar a sua soberba.

Por fim chegou defronte da grande muralha de bronze. Logo desembalhou a espada e atirou um golpe furioso á muralha enquanto a sua voz gritava contra o ceu, um orgulhoso desafio.

A este grito respondeu logo a voz lugubre do bronze que vibrou como um sino; e essas vibrações eram tão fortes que os companheiros do rei caíram por terra. Houve um silencio medonho. O ar tornou-se imovel; as nuvens pararam no ceu; os passaros calaram-se. Nada se mexia; nem o vôo de um insecto, nem uma brisa; as plantas, até as ervas mais rasteiras, pareciam petrificadas. Todas as flores murcharam.

E então a muralha de bronze rachou-se de alto a baixo, de vagar, e caiu numa grande e lenta derrocada.

A terra começou a urrar como um animal bravo e pôs-se a tremer... Todos os cimos das montanhas como bocas de danados retorceram-se e abriram-se vomitando chamas que subiam até ao ceu. O chão rasgou-se; por toda a parte apareciam fendas que se alargavam, que se tornavam abismos e enguliam florestas e cidades inteiras. As chamas que irrompiam das montanhas, atiravam ao ar pedras e cinzas que, ao caírem, sepultavam os campos e as habitações dos homens. Os rios saltaram para fora dos leitos, expulsaram as feras dos seus covis, perseguiram todos os seres que tinham escapado ás derrocadas e ás chamas.

De novo uma onda de emoção agitou o publico sobre os degraus da escada. Uma voz de mulher, angustiada, disse:

«Padre, Filho, Espirito Santo. Que o Senhor Santo Cristo nos livre de todo o mal...»

E uma voz de homem, sacudida, nervosa:

«Não podes calar essa boca, diabo?!... As mulheres não deviam ter licença de ouvir estas coisas».

«Chut!» disse Pedro.

Silencio.

A voz calma de Joaquim prosseguiu:

«O sol tinha-se apagado, mas toda a terra estava iluminada pelas chamas

vermelhas dos vulcões, pelos relampagos lividos que atravessavam as nuvens. A lava escorria das crateras escancaradas e descia pelos montes como serpentes de fogo.

E então, lá muito ao longe, na linha do horizonte, surgiu uma coisa... uma altissima muralha verde escura, que se movia, que vinha caminhando, coroadada de espuma. Era o mar furioso cujos vagalhões grandes como montanhas, cavalgando uns por cima dos outros, avançavam com rapidez, á medida que a terra devagar, sob o peso da maldade dos homens, sossobrava no abismo das aguas.

Do grande reino de Branco Pardo, resta hoje bem pouca coisa: alguns cimos de montanhas, altas demais para que o mar pudesse submergi-las e que se tornaram ilhas... «estas ilhas». O sitio onde o Genio das Virtudes construiu as Sete Cidades... viram-no V. Ex.^{as} hoje. Ruínas de marmore e de marfim, metais preciosos, pedrarias, tudo jaz no fundo do lago; e, em recordação da princesa Verde Azul, o lago conserva as duas côres que compunham o seu nome. Dizem tambem que a princesa, aterrada com o principio da catastrophe, quis fugir e, correndo, perdeu pelo caminho os sapatinhos verdes e a sombrinha azul que caíram no lago e lhe deram as suas côres.

Durante as noites de grandes temporais, quando as ondas vêm quebrar-se com grande estrondo contra os penedos da costa, ha quem tenha visto a princesa surgir devagarinho do lago e deslizar sobre as aguas como uma sombra. Os cabelos de ouro, deixam por onde ela passa uma estrada de luz; e chora e lamenta-se; durante muito tempo ouvem-se os seus gemidos. Depois... quando rompe a madrugada, tudo se esvai e desaparece.

VIDA LITERARIA

Notas e Comentários aos Livros da Semana

O livro de que nos vamos ocupar sae, pelo processo e até pela intenção dos moldes triviais da literatura humorística. Ramada Curto, ha poucos anos, realizou uma tentativa feliz deste genero—«A sombra do cedro», por exemplo—, mas com realização diferente, e a intenção mais politica e social do que de costumes á Gervasio.

E não inflectava no humorismo embora o espirito de Ramada produzi-se por vezes o mesmo efeito. Ramada Curto fez romance serio; Armando Ferreira escreveu francamente farça.

Lisboa sem camisa

por Armando Ferreira

O autor propõe-se escrever uma série destes romances de costumes «Lisboa sem camisa», dos quais o primeiro, agora publicado com invulgar exito de livraria—anotamos—se intitula «O casamento da Fifi Antunes».

Armando Ferreira, humorista de singulares qualidades, neste genero literario agora muito cultivado, deve dizer-se que com felicidade por alguns escritores de indiscutível merito, entre os quais, além dos mais antigos nesta arte, Augusto Cunha e Bastos Guerra se distinguem—é essencialmente um critico.

O seu poder de observação afirma-se notavel, sem que a classificação leve qualquer exagero consigo.

Para se ver da intenção que Armando Ferreira põe nesta sua nova obra—e o autor tem já duas dezenas de livros de feição humorístico—queremos transcrever a dedicatória «A memória de Gervasio Lobato», portico que corresponde a um prefacio:

«A comedia de Lisboa de 1880 não acabou. Actualizou-se. Falta-me a graça natural de Gervasio Lobato, mas não resisto á tentação de reviver a Lisboa em camisa, hoje, devido ás modas e ás medidas de salvação publica, Lisboa sem camisa; diligencia-rei fazê-lo, como então se prometeu no prefacio daquela obra, com a mesma intenção critica e a mesma identidade de processos, em estudo alegre e rapido, procurando ferir sempre a nota comica e ao mesmo tempo a nota verdadeira, da vida actual de Lisboa, nas suas diferentes esferas de acção».

Está aqui estereotipada a intenção do autor. Não vamos dizer que Armando Ferreira é audacioso procurando tomar para si o padrão do mestre da graça portuguesa, da graça á Gervasio, natural, simples e despida de trocadilho. Já temos escrito que o humorismo varia, nos gostos, de geração para geração.

Tambem não afirmamos que Armando Ferreira triunfou ou que ficou aquém do seu objectivo.

Dizemos, sim, que o autor da primeira parte da Lisboa sem camisa, aproveitando a base dos costumes á caricaturar—que é uma especie de critica ligeira e inofensiva—produziu um esplendido livro, dentro do genero.

Nem sempre se contem nos limites da comedia; sobe, ou desce, á farça, talvez porque a comedia, hoje, é pouco. Mas num equilibrio descritivo

e narrativo, num poderoso sentido de observação (que é a melhor virtude do livro), num processo tecnico acéltavel—Armando Ferreira, quanto a nós, conseguiu, por ventura, dentro da sua maneira, uma das melhores obras da sua galeria, e do humorismo literario convencional do nosso tempo.

Tambem há jeito literario no humorismo, na produção que tem por fundo a graça critica. A figura de Moisés Antunes é modeladamente dada, como em teatro, e, embora aqui e ali deformada por um certo exagero caricatural, nem por isso deixa de ser um «tipo perfeito» de romance de costumes.

Este primeiro volume, todo ligado, desde a juventude do sr. Antunes até ao «desenlace» da Fifi, em tecnica segura—dá dez quadrinhos de costumes, graciosos e encheados de ditos, alguns felicissimos, de humorismo puro. Se tivéssemos lido o manuscrito teria aconselhado o autor—que não nos cortaria a ligação por isso—a cortar, por sua vez, três ou quatro frases ou períodos que não nos parecem á altura da intenção capitular; tão reduzidos, porém, e insignificantes em relação ao «todo» da obra eles são—que mal se dá por eles. Isto pode ser trop de zelo do comentador. (O trocadilho de Debussy, por exemplo).

Nesses quadrinhos o autor faz fotografia de costumes, sob o prisma insensivelmente critico, mas causticante, ou gracioso, ou comico, ou indiferente—são todos deliciosos, e podem ler-se separadamente, destacados do conjunto.

A «data memorável», o discurso de equívoco no enterro do Mimoso, a modelar cena da noite bem passada no Teatro, as caricaturas da praia e do casino, a gervasiana vida da pensão do Vasco, o namoro, as cenas da rua, a graciosa ante vespera do casamento da Fifi, os desenhos de Ludovina, dos parentes provincianos e dos hospedes da Pensão; e, sobretudo, o retrato inicial do sr. Moisés Antunes—são tudo paginas e capitulos do melhor que no genero ultimamente se tem escrito. Botelho, caricaturista ilustrador, muito dentro do feição do romance—o seu genero também—acompanha a obra com apontamentos, genero «ecos da semana», e exactissimos.

Capa de mestre Valença, o continuador do grande Rafael.

E eis o que se nos oferece escrever e comentar, em face deste volume, que não é trivial, e que merece o relevo que damos á sua apresentação no mercado.

Edição da Livraria Guimarães, muito cuidada.

Rosal em flor

—por Virginia Mota Cardoso

Um livro de versos de uma senhora, quasi sempre, mais ou menos, exaltado ou inspirado, um livro de lirismo. Este «Rosal em flor» não é um amoroso compendio de endeiças, de queixumes e de suspiros, e não deixa de constituir uma obra lirica. A autora goza de saúde intelectual, e não deixando de ser mulher, apresenta-nos uma obra, cujo comentario é sim-

ples: livro gracioso, despretençoso, feminino, literariamente agradável, e impregnado de encanto poetico.

Se numa ou outra poesia se aproxima da trivialidade—percebe-se todos os assuntos que inspiram versos duram desde o começo dos mundos—fá-lo com elegancia poetica, e desenfadadamente, conjugando admiravelmente o gosto popular e o sentido literario.

Os quadros da terra portuguesa, nas suas oito provincias, são adoráveis de ingenuidade. Quadrinhos em aguarelas immaculadas, que, feitos poesia, sabe bem decorar.

As «Queixas de Junho» e o «Santo Antonio e os conversados» são, também, na segunda parte do livro, poe-

sias a fixar. E assim os «Segredos das Fontes», «Cantar de Amigo», e «Quatro Horas de Amor».

Ao acaso, transcrevemos do «Rosal em flor» o soneto «Era uma vez»:

«Era uma vez...» frase vibrante e bela
A respirar perfume e graça infinda!
Frase que tudo evoca e tudo ainda
Da minha infancia limpida e singela!

«Era uma vez...» fulgida frase! Ao

le-la,
Minha alma lembra docemente ainda
Tragedias da princesa Claudianda
E o pequeno chapim de Cinderela.
Vejo surgir princesas... e afinal
Como eu sou a princesa do Ideal,
Como, sem honrarias nem mercês,

Dos meus sonhos dirijo o vasto im-

perio,
Quando eu for para o reino do Mis-

terio,
Alguem dirá baizinho: «Era uma

vez...»

Edição da autora.

ESPIRITOS ELEITOS

Franz Schubert



Franz Schubert (Desenho de LEMOS)

A vida de Franz Schubert é porventura aquela que menos se presta a comentários e romantizações. A sua personalidade—se tanto pode aplicar-se com propriedade esse termo ao conjunto das suas qualidades fisicas e morais—desnorreia á força de demasiada singeleza.

Mas é isto mesmo o que constitui um dos exemplos mais frizantes a desmentir certas teorias correntissimas de pseudo-psicologia artistica:—que as aptidões e tendencias reveladas numa obra também se revelam infalivelmente no caracter do seu autor; que é preciso «viver» a vida, suas paixões, para traduzi-las em arte; que o poder da imaginação corresponde a regulares do organismo; que o temperamento romantico é por indole revoltado e anarquista; ainda que a faculdade criadora transfigura quem a possui... E a singelissima personalidade de Franz Schubert vem a ser assim a mais incoerente resposta ao compositor Franz Schubert.

Duma descendencia sem sombras de pergaminhos, perpassa porém na sua musica a maior delicadeza. Nem uma aventura retumbante, nem um sonho inatingido na sua vida amorosa, e fica porém como o criador duma forma musical essencialmente sentimental: o «lied».

Sempre delicado no que escreve, como já dissemos, mesmo quando a sua prodigiosa facilidade improvisadora aproveita temas populares dos mais vivos, o seu prazer predilecto é beber bem, na companhia de amigos que

tampouco cultivam a decantada neurastenia romantica.

E porém, se ouvirmos, entre outros «lieder» de puro encanto musical, o «Rei dos Alamos», que leva a criança para a morte que a terrorista, ou o ciclo da «Linda Moleirinha», em que o pobre moleiro se vê tão desesperadamente infeliz sob as estrelas tão longinquoas, e junto ao rio, tão negro, iamos jurar que Schubert chora um filho querido, e um grande amor perdido...

Mas não: adorar a natureza—devem ser formosos os arredores de Viena—e não ter outra função do que improvisar ou escrever musica—os breves prazeres colhidos ao acaso e quasi sempre escolhidos são pormenores que não interessam—foi o papel de Franz Schubert na terra. Sem ser vítima nem dum contágio, nem dum desequilibrio repentino, morre com trinta e um anos—e não deixa só os imorredouros «lieder», deixa uma produção abundante das quais se destacam verdadeiras obras primas, como são duas das suas sete sinfonias, uma grande parte da sua musica de Camara, e também da sua musica para piano.

Nem elegante, nem bonito, nem interessante sequer, a sua aureola deve todo o seu esplendor á sua obra apenas. Em pleno seio do romantismo, nada pode haver de mais classico; apagou-se o individuo, e foi no seu tempo tão fertil a herança que deixou!

FRANCINE BENOIT

Os escritores portugueses e o cinema

Sabemos que uma empresa cinematografica convidou o distinto escritor Julião Quintinha para escrever o argumento dum filme extraído da sua novela «Um crime politico», recentemente publicada no 1.º volume da Coleção «Amanhã» — Dez Novelas — Dez Novelistas — que está obtendo o maior exito.

Leilão da biblioteca DR. RUY ULRICH

Continua hoje e amanhã, ás 21 horas, na Casa Liquidadora, Av. da Liberdade, 133, o leilão organizado pela Livraria Manuel dos Santos. Recebem-se encomendas e distribuem-se catalogos no local do leilão e no L. do Calhariz, 14, Telef. 28477.

F. CAETANO DIAS

Comercio e Contabilidade

Acaba de publicar-se 3.º VOL.

Calculo comercial

Descreve com grande desenvolvimento as diferentes operações de aritmética e CALCULO COMERCIAL e preconiza várias fórmulas PRÁTICAS para uso corrente no comércio.

ESC. 20\$00

A' venda em todas as livrarias

— Edição de A Peninsular Lda R. da Vitoria, 55 —